



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
9º LEVANTAMENTO

JUNHO 2024

**VOLUME 11
NÚMERO**

9

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA)

Luiz Paulo Teixeira Ferreira

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

João Edegar Pretto

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Lenildo Dias de Moraes

Diretora-Executiva Administrativa, Financeira e de Fiscalização (Diafi)

Rosa Neide Sandes de Almeida

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Thiago José dos Santos

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sílvio Isoppo Porto

Superintendente de Informações da Agropecuária (Suinf)

Aroldo Antonio de Oliveira Neto

Gerente de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerente de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira

Couglan Hilter Sampaio Cardoso

Eledon Pereira de Oliveira

Janaína Maia de Almeida

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Luciana Gomes da Silva

Marco Antônio Garcia Martins Chaves

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Amir Haddad (estagiário)

Candice Mello Romero Santos

Eunice Costa Gontijo

Fernando Arthur Santos Lima

Gabriel Da Costa Farias (estagiário)

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Colaboradores

Adonis Boeckmann e Silva (Gerpa – algodão), Danielle Barros Ferreira (Inmet), Flávia Machado Starling Soares (Gerpa – trigo), João Figueiredo Ruas (Gefab – feijão), Leonardo Amazonas (Gerpa – soja), Séfora Silvério (Suinf), Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gerpa – arroz).

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Tocantins.

Colaboradores das superintendências

André Araújo (AC); Antônio de Araújo Lima Filho, Lourival Barbosa de Magalhães, Adriano Jorge Nunes dos Santos e Ilo Aranha Fonseca (AL); Érica Alfaia Marialva, Glenda Patrícia de Oliveira Queiroz (AM); Ednabel Caracas Lima, Francisco dos Reis Lopes Neto, Joctã Lima do Couto e Marcelo Ribeiro e Orfrezino Pereira Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, José Iranildo da Silva Araújo, Lindeberg da Silva Magalhães e Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Sírio José da Silva Júnior e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Airton Santos de Azevedo, Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento Humberto Menezes Souza Filho, Margareth de Cássia Oliveira Aquino e Rogério Prazeres (MA); Benancil Martins Filho, Gabriel Pedrozo Heise, Ismael Cavalcante Maciel Junior, Jorge Luis Cunha, Rodrigo Martinelli Slomoszynski, Raul Pio de Azevedo e Rogério de Souza Silva (MT); Getúlio Moreno, Mário Adriano Silva Moreira, Marcelo de Oliveira Calisto e Edson Yui (MS); Alessandro Lúcio Marques, Benedito Castro de Sousa, Flávio José Goulart, Gabriel Moraes Costa, Hélio Maurício Rezende, Márcio Carlos Magno, Matheus Carneiro de Souza, Pedro Pinheiro Soares, Samuel Valente Ferreira e Warlen Maldonado (MG); Alexandre Augusto Pantoja Cidon, Renato Martins da Silva e Sérgio Alberto Queiroz Costa (PA); Ana Paula Alves Cordeiro, Arthur Ramon de Andrade Rodrigues, Bruno Eduardo Dias Oliveira e Matheus Rodrigues de Sousa (PB); Adilson Valnier, Allan Vinícius Pinheiro Salgado, Charles Erig Daniela Furtado de Freitas, Itamar Pires de Lima Júnior e Jefferson Raspante (PR); Clarissa de Albuquerque Gomes, Herivelton Marculino da Silva, Rafael Silva de Lima, Rinaldo de Souza e Thiago Nery da Cunha (PE); Antônio Cleiton da Silva, Bábiton Leone de Oliveira Herculano, Simone do Nascimento Luz, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Fernando Henrique Vidal Lage, Lireda Bezerra e Rafael Vagner Machado (RN); Alexandre Rocha Pinto, Carlos Roberto Bestetti, Iure Rabassa Martins, Luciana Dall’Agnese, Márcio Renan Weber Schorr, Matias José Führ (RS); João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro e Raimundo Junil Marques Ribeiro (RO); César Augusto Rubin, Júlio César de Oliveira, Ricardo Agostini Paschoal, Vilmar Barboza Dutra e Wagner Fernandes de Aquino (SC); Cláudio Lobo, Elias Tadeu, Marisete Belloli e Rubens Praude (SP); Flaviano Gomes dos Santos, José Bomfim Oliveira Santos Júnior e José de Almeida Lima Neto (SE); Felipe Thomaz de Souza Carvalho, Bruno Milhomem e Jorge Antônio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-CE); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Instituto de Economia Agrícola (IEA-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR0); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2023/24
9º LEVANTAMENTO

Copyright © 2024– Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação
Guilherme dos Reis Rodrigues e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos
Capa: Acervo Conab

Normalização
Márcio Canella Cavalcante - CRB 1/2221

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 11, safra 2023/24, n. 9 nono levantamento, junho 2024.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

sumário

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
15	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
25	ANÁLISE DAS CULTURAS
25	ALGODÃO
37	ARROZ
51	FEIJÃO
76	MILHO
103	SOJA
117	TRIGO
125	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
137	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



resumo executivo

Após a pesquisa de campo, realizada na última semana de maio, a previsão atual para a produção nacional de grãos indica um volume de 297,54 milhões de toneladas, redução de 7% ou 22,27 milhões de toneladas em relação à safra 2022/23.

A quebra observada se deve, sobretudo, à atuação da forte intensidade do fenômeno El Niño, que em 2023 teve influência negativa no comportamento climático, desde o início do plantio até às fases de reprodução das lavouras de primeira safra, nas principais regiões produtoras do país.

No período analisado, as culturas de primeira safra estavam praticamente colhidas, faltando apenas 4% do arroz e 18% do milho primeira safra. As de segunda safra, predominando os estágios de maturação, e a colheita em fase inicial. A terceira safra, juntamente com as culturas de inverno, encontram-se desde a semeadura à enchimento de grãos.

Comparativamente à estimativa do mês anterior, com o avanço da colheita observa-se um ganho de 0,7% ou 2,1 milhões de toneladas, com os maiores acréscimos observados no milho, no algodão em pluma e no feijão.

Para a área cultivada, estima-se um crescimento de 1,3% ou de 1 milhão de hectares sobre a safra 2022/23, situando-se em 79,58 milhões de hectares. Destaques para a soja, com aumento de 4,3% ou 1,9 milhão de hectares, e para o algodão, com ganho de 16,9%, correspondendo a 280,8 mil hectares, passando para 1,94 milhão de hectares.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR PRODUTO

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2022/23 e 2023/24					
	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	1.663,7	1.944,5	16,9	2.721	2.683	(1,4)	4.526,7	5.217,2	15,3
ALGODÃO - PLUMA	1.663,7	1.944,5	16,9	1.907	1.881	(1,4)	3.173,3	3.657,1	15,2
AMENDOIM TOTAL	220,9	255,4	15,6	4.041	2.889	(28,5)	892,8	737,8	(17,4)
Amendoim 1ª Safra	213,8	248,2	16,1	4.120	2.925	(29,0)	880,9	725,9	(17,6)
Amendoim 2ª Safra	7,1	7,2	1,4	1.669	1.644	(1,5)	11,9	11,9	-
ARROZ	1.479,6	1.591,6	7,6	6.780	6.532	(3,7)	10.031,8	10.395,7	3,6
Arroz sequeiro	303,5	329,2	8,5	2.557	2.582	1,0	775,9	850,1	9,6
Arroz irrigado	1.176,1	1.262,4	7,3	7.870	7.561	(3,9)	9.255,9	9.545,6	3,1
FEIJÃO TOTAL	2.699,5	2.844,7	5,4	1.125	1.171	4,1	3.036,7	3.331,3	9,7
FEIJÃO 1ª SAFRA	857,3	860,7	0,4	1.116	1.094	(1,9)	956,7	941,8	(1,6)
Cores	344,6	343,3	(0,4)	1.699	1.664	(2,1)	585,5	571,3	(2,4)
Preto	133,4	124,7	(6,5)	1.646	1.492	(9,4)	219,6	186,1	(15,3)
Caupi	379,3	392,7	3,5	400	470	17,5	151,7	184,5	21,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.326,2	1.491,0	12,4	962	1.080	12,3	1.275,8	1.610,9	26,3
Cores	351,2	349,7	(0,4)	1.644	1.597	(2,8)	577,5	558,6	(3,3)
Preto	202,4	331,0	63,5	1.642	1.781	8,5	332,3	589,4	77,4
Caupi	772,6	810,3	4,9	474	571	20,6	365,9	462,8	26,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	516,0	493,0	(4,5)	1.559	1.580	1,4	804,4	778,9	(3,2)
Cores	443,6	408,8	(7,8)	1.697	1.782	5,0	752,7	728,6	(3,2)
Preto	14,4	19,4	34,7	1.015	745	(26,6)	14,6	14,5	(0,7)
Caupi	58,0	64,8	11,7	638	554	(13,3)	37,0	35,8	(3,2)
GERGELIM	361,2	585,5	62,1	482	500	3,7	174,2	292,7	68,0
GIRASSOL	56,1	55,7	(0,7)	1.520	1.519	(0,1)	85,2	84,7	(0,6)
MAMONA	51,2	58,7	14,6	1.787	1.670	(6,5)	91,5	98,0	7,1
MILHO TOTAL	22.269,2	20.837,6	(6,4)	5.923	5.478	(7,5)	131.892,6	114.144,3	(13,5)
Milho 1ª Safra	4.444,0	4.029,9	(9,3)	6.160	5.862	(4,8)	27.373,2	23.624,4	(13,7)
Milho 2ª Safra	17.192,7	16.152,7	(6,0)	5.954	5.455	(8,4)	102.365,1	88.116,1	(13,9)
Milho 3ª Safra	632,5	655,0	3,6	3.406	3.670	7,7	2.154,4	2.403,9	11,6
SOJA	44.080,1	45.978,0	4,3	3.507	3.205	(8,6)	154.609,5	147.353,5	(4,7)
SORGO	1.417,6	1.571,7	10,9	3.378	3.157	(6,5)	4.788,7	4.962,3	3,6
SUBTOTAL	74.299,1	75.723,4	1,9	4.174	3.785	(9,3)	310.129,7	286.617,5	(7,6)
Culturas de inverno	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %	2023	2024	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
AVEIA	520,1	518,3	(0,3)	1.892	2.245	18,7	984,1	1.163,8	18,3
CANOLA	92,1	121,3	31,7	1.591	1.469	(7,7)	146,5	178,2	21,6
CENTEIO	4,5	4,0	(11,1)	1.644	2.150	30,8	7,4	8,6	16,2
CEVADA	134,5	120,0	(10,8)	2.907	3.787	30,3	391,0	454,4	16,2
TRIGO	3.473,4	3.078,4	(11,4)	2.331	2.945	26,3	8.096,8	9.065,3	12,0
TRITICALE	22,9	18,8	(17,9)	2.454	2.989	21,8	56,2	56,2	-
SUBTOTAL	4.247,5	3.860,8	(9,1)	2.279	2.830	24,2	9.682,0	10.926,5	12,9
BRASIL (2)	78.546,6	79.584,2	1,3	4.072	3.739	(8,2)	319.811,7	297.544,0	(7,0)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2024.

TABELA 2 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF

Região/UF	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados*						Safras 2022/23 e 2023/24		
	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %	Safra 22/23	Safra 23/24	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4.791,3	5.249,1	9,6	3.500	3.435	(1,9)	16.768,0	18.029,9	7,5
RR	146,7	165,9	13,1	3.389	3.465	2,2	497,1	574,8	15,6
RO	947,8	1.029,4	8,6	3.965	4.032	1,7	3.757,6	4.150,8	10,5
AC	63,9	64,3	0,6	3.003	2.924	(2,6)	191,9	188,0	(2,0)
AM	19,8	37,2	87,9	2.783	3.027	8,8	55,1	112,6	104,4
AP	12,4	12,1	(2,4)	1.968	1.950	(0,9)	24,4	23,6	(3,3)
PA	1.587,4	1.797,1	13,2	2.916	3.050	4,6	4.629,0	5.480,3	18,4
TO	2.013,3	2.143,1	6,4	3.781	3.500	(7,5)	7.612,9	7.499,8	(1,5)
NORDESTE	9.528,5	9.743,0	2,3	3.114	2.918	(6,3)	29.673,0	28.428,0	(4,2)
MA	1.900,0	2.059,3	8,4	3.875	3.609	(6,9)	7.361,8	7.431,5	0,9
PI	1.925,6	1.917,7	(0,4)	3.531	3.333	(5,6)	6.799,7	6.392,6	(6,0)
CE	954,4	940,7	(1,4)	488	738	51,4	465,4	694,5	49,2
RN	99,0	112,5	13,6	566	532	(6,0)	56,0	59,8	6,8
PB	219,3	224,0	2,1	696	588	(15,5)	152,6	131,7	(13,7)
PE	387,0	383,0	(1,0)	773	831	7,5	299,2	318,2	6,4
AL	96,7	105,2	8,8	2.041	2.134	4,5	197,4	224,5	13,7
SE	189,2	191,2	1,1	4.963	5.132	3,4	939,0	981,2	4,5
BA	3.757,3	3.809,4	1,4	3.567	3.201	(10,3)	13.401,9	12.194,0	(9,0)
CENTRO-OESTE	34.812,1	35.342,9	1,5	4.667	4.008	(14,1)	162.468,4	141.653,9	(12,8)
MT	21.210,6	21.638,8	2,0	4.761	4.153	(12,8)	100.980,2	89.864,0	(11,0)
MS	6.320,4	6.337,5	0,3	4.438	3.321	(25,2)	28.050,4	21.046,5	(25,0)
GO	7.102,6	7.187,6	1,2	4.593	4.166	(9,3)	32.619,1	29.942,3	(8,2)
DF	178,5	179,0	0,3	4.587	4.475	(2,4)	818,7	801,1	(2,1)
SUDESTE	6.987,2	6.991,0	0,1	4.328	3.721	(14,0)	30.238,4	26.011,2	(14,0)
MG	4.342,9	4.337,9	(0,1)	4.306	3.877	(10,0)	18.702,4	16.818,8	(10,1)
ES	24,3	22,9	(5,8)	2.477	2.415	(2,5)	60,2	55,3	(8,1)
RJ	3,2	2,8	(12,5)	3.313	3.321	0,3	10,6	9,3	(12,3)
SP	2.616,8	2.627,4	0,4	4.381	3.474	(20,7)	11.465,2	9.127,8	(20,4)
SUL	22.427,5	22.258,2	(0,8)	3.597	3.748	4,2	80.663,9	83.421,0	3,4
PR	10.744,9	10.427,7	(3,0)	4.285	3.717	(13,3)	46.037,2	38.755,7	(15,8)
SC	1.383,9	1.433,0	3,5	5.091	4.913	(3,5)	7.045,7	7.040,9	(0,1)
RS	10.298,7	10.397,5	1,0	2.678	3.619	35,1	27.581,0	37.624,4	36,4
NORTE/NORDESTE	14.319,8	14.992,1	4,7	3.243	3.099	(4,4)	46.441,0	46.457,9	-
CENTRO-SUL	64.226,8	64.592,1	0,6	4.256	3.887	(8,7)	273.370,7	251.086,1	(8,2)
BRASIL	78.546,6	79.584,2	1,3	4.072	3.739	(8,2)	319.811,7	297.544,0	(7,0)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2024.



introdução

As informações da safra 2023/24, neste nono levantamento, a Conab apresenta sobre o que decorreu ao longo da safra. Com a quase finalização da colheita da soja, a do algodão e a do milho segunda safra ganham ritmo, assim como a semeadura das culturas de inverno, em especial, a do trigo. Ainda há dificuldade de se realizar a análise da safra do Rio Grande do Sul, uma vez que o estado tem início de recuperação do desastre ocorrido.

Além disso, para as culturas em que o plantio está em fase inicial, como a terceira safra e as culturas de inverno, a Conab utiliza estimativas geradas por modelos estatísticos, analisadas com base em previsões climáticas, pacotes tecnológicos, características e época de cultivo.

As estimativas refletem a expectativa de produção do mês anterior à publicação do boletim, considerando as condições climáticas ocorridas e previstas até o fim do cultivo. Dessa forma, os números podem ser alterados em caso de condições climáticas adversas ou excepcionalmente favoráveis.

Como parte da metodologia, os dados de produtividade, por cultura e por Unidade da Federação, são inicialmente estimados com o auxílio de modelos estatísticos em relação ao histórico de produtividades. Os modelos permitem

segurança nas previsões, levando em consideração os cenários favoráveis e desfavoráveis às culturas. Os dados gerados são analisados para todas as culturas em todos os estados, considerando as informações climáticas e os pacotes tecnológicos modais de cada estado, também levantados pela Conab.

Ao todo, são analisados mais de 540 dados de área e produtividade. Para as culturas que já avançam no seu ciclo e possuem informações mais consolidadas de campo, iniciam-se as revisões dos números iniciais, e os dados são ponderados de acordo com as condições apresentadas em cada região dos estados.

As análises são feitas a partir das condições meteorológicas, sobretudo chuva e temperatura, observadas ao longo do ciclo da cultura, a partir das interpretações de análises de satélite, principalmente a análise evolutiva e comparativa do Índice de Vegetação por Diferença Normalizada (NDVI) e a partir de investigações de campo, tanto subjetivas, contando com a colaboração da nossa rede de agentes colaboradores, por meio da aplicação de questionários, mensalmente, e coletadas mais de 4.000 informações em todo o Brasil, quanto objetivas, com investigação direto nas lavouras dos fatores de produtividade, além do auxílio de mapeamento das áreas.

Mensalmente, os dados de área, produtividade e produção são atualizados. A estimativa da produção leva em consideração as condições climáticas pontuais, observadas no período de levantamento, assim como os prognósticos para até o final do cultivo.

Nas análises estaduais, são destacados os eventos mais relevantes ocorridos, como início de semeadura, eventos climáticos severos, situação de manejo ou inserção de novas culturas no estado.

A Conab realiza o levantamento da safra brasileira de grãos desde a temporada 1976/77. A constante busca pela qualificação dos dados é exemplificada pela sofisticação dos métodos utilizados pela Conab, para a obtenção dos dados da safra, sobretudo os ligados ao georreferenciamento e à modelagem estatística, incrementando as informações obtidas subjetivamente, que trazem tempestividade aos dados.

As informações deste boletim devem ser correlacionadas aos dados numéricos publicados em nossa planilha de safra, disponível para download em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/gaos/boletim-da-safra-de-gaos>.

Recomendamos a leitura do Boletim de Monitoramento Agrícola, publicado regularmente em [https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/gaos / monitoramento-agricola](https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/gaos/monitoramento-agricola) e do Progreso de Safra, disponível em <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/progreso-de-safra> para acompanhamento sistemático da safra brasileira de grãos.

Boa leitura!



análise climática¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE MAIO

Em maio de 2024, foram observados acumulados de chuva acima de 150 mm nos extremos norte e sul do país, bem como na costa leste do Nordeste. Nessas áreas, as chuvas foram suficientes para manter a umidade do solo elevada. Já em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, além do interior da Região Nordeste, os volumes foram inferiores a 70 mm, diminuindo os níveis de água no solo em algumas localidades.

No norte da Região Norte, os volumes de chuva foram superiores a 300 mm, principalmente em Roraima, onde as chuvas ultrapassaram os 500 mm. Os menores volumes de chuvas foram observados em Tocantins, sul do Pará e sudeste de Rondônia. Com exceção dessas áreas os níveis de armazenamento hídrico do solo mantiveram-se elevados na região.

Já na Região Nordeste, os maiores volumes de chuva foram observados no norte do Maranhão e do Piauí, bem como na parte costeira da região, desde o Rio Grande do Norte até a Bahia, com valores superiores a 150 mm, contribuindo para a manutenção da umidade no solo e o desenvolvimento das lavouras de

¹ Danielle Barros Ferreira – Meteorologista do Inmet - Brasília.

feijão e milho terceira safra. No interior do Nordeste e Matopiba, os volumes de chuva foram inferiores a 40 mm, reduzindo os níveis de umidade do solo e desfavorecendo lavouras de milho segunda safra que se encontravam em floração e enchimento de grãos.

Na Região Centro-Oeste, os maiores volumes de chuva foram observados no último decênio no sul do Mato Grosso do Sul, contribuindo para a elevação dos níveis de umidade no solo nesta área, favorecendo a recuperação parcial dos cultivos de segunda safra. Nas demais áreas, os valores de chuva foram inferiores a 40 mm, havendo redução de umidade do solo em relação ao mês anterior.

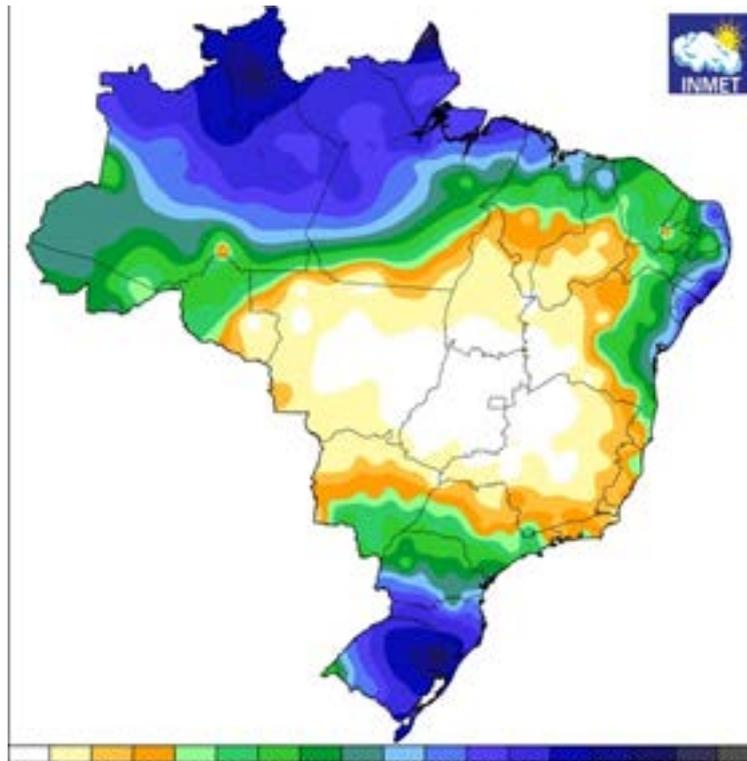
Em grande parte da Região Sudeste, foram observados acumulados de chuva abaixo de 40 mm, exceto em áreas da metade sul de São Paulo, onde as chuvas ultrapassaram os 60 mm. No geral, houve uma redução da umidade do solo em algumas localidades, desfavorecendo o desenvolvimento das lavouras de milho segunda safra em estágios reprodutivos em importantes regiões produtoras.

Na Região Sul, os volumes de chuva foram superiores a 150 mm em grande parte da região, porém no nordeste do Rio Grande do Sul, as chuvas ultrapassaram os 500 mm. No centro norte do Paraná, os volumes foram menores e variaram entre 70 mm e 150 mm. Em geral, os níveis de água no solo permaneceram elevados em boa parte da região, porém no Rio Grande do Sul, houve excedente hídrico devido às chuvas intensas ocorridas durante o mês, as quais provocaram alagamentos em grande parte das regiões produtoras do estado, comprometendo os cultivos de arroz, feijão, milho e soja.

Em maio, as temperaturas máximas foram superiores a 26 °C, desde o norte do Paraná até o norte da Região Norte. Destaque para o sudeste do Pará,

Tocantins e sul do Maranhão e do Piauí, onde as máximas ultrapassaram os 32 °C, enquanto no sul do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as

FIGURA 1 - ACUMULADO DA PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA EM MAIO DE 2024



Fonte: Inmet.

temperaturas foram inferiores a 20 °C. Quanto às temperaturas mínimas, foram superiores a 16 °C no centro-norte do Brasil. Já em áreas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas mínimas foram inferiores a 14 °C.

1.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na figura abaixo é mostrada a anomalia de Temperatura da Superfície do Mar (TSM) entre os dias 16 e 31 de maio de 2024. Foram observados valores de anomalias entre 1 °C e -2 °C em toda a faixa do Pacífico Equatorial.

FIGURA 2 – MAPA DE ANOMALIAS DE TSM NO PERÍODO DE 16 A 31 DE MAIO DE 2024

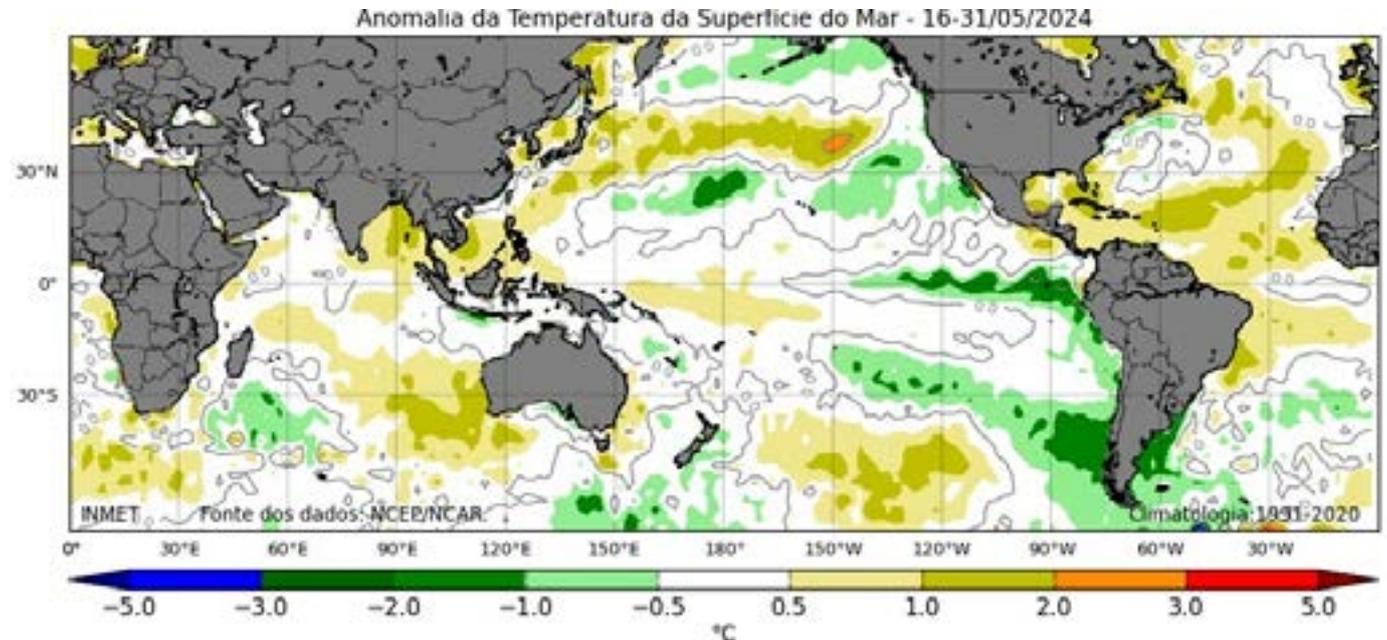
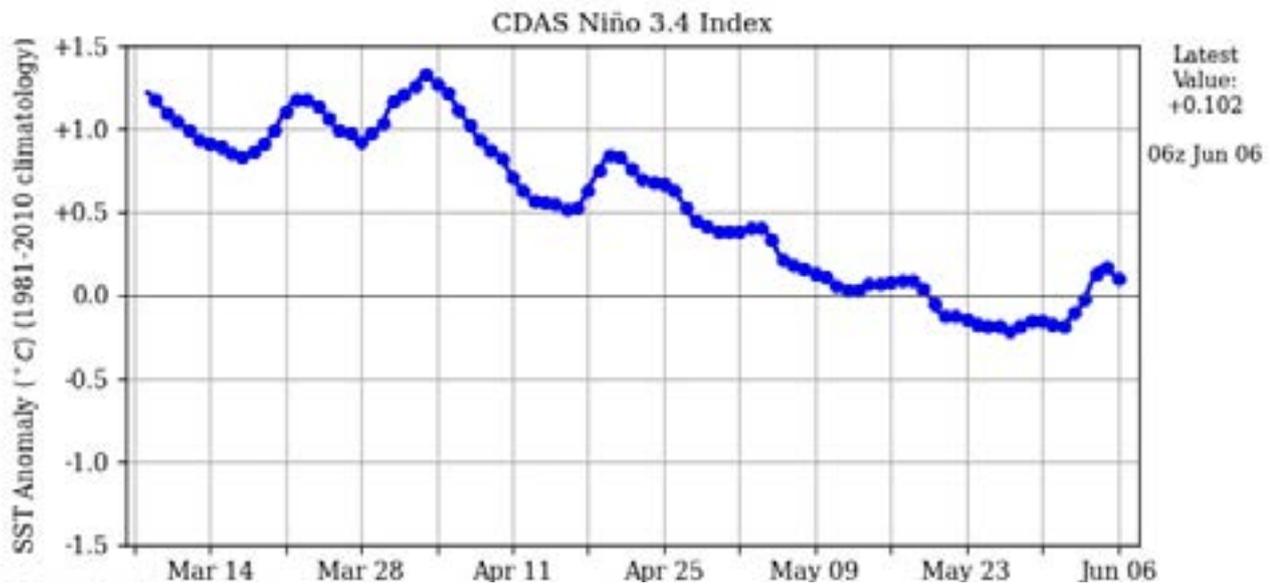


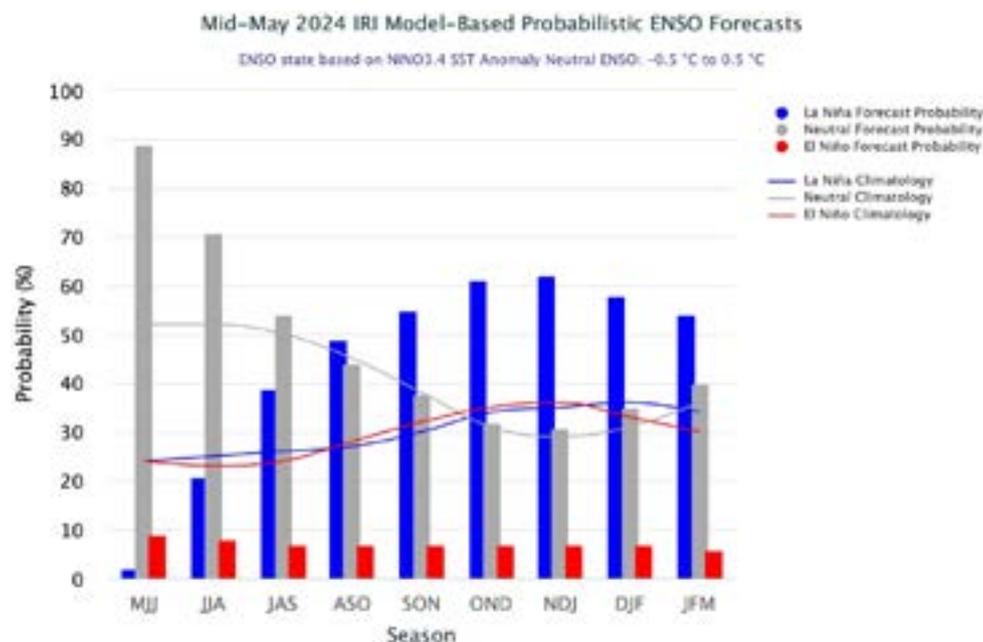
GRÁFICO 1 – MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA NA REGIÃO 3.4



Considerando somente a região do Niño 3.4 (área entre 170°W e 120°W), as anomalias médias positivas de TSM têm apresentado um decréscimo acentuado desde o início de abril, indicando o fim do fenômeno El Niño,

porém desde o início de maio até os primeiros dias de junho, as anomalias vêm oscilando entre 0,5 °C e -0,5 °C, indicando o início das condições de Neutralidade.

GRÁFICO 2 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI - <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current/>.

A análise do modelo de previsão do ENOS (El Niño - Oscilação Sul), realizada pelo Instituto Internacional de Pesquisa em Clima (IRI), aponta para condições de Neutralidade durante o trimestre junho, julho e agosto de 2024, com uma probabilidade de 71%. Entretanto, a partir do trimestre agosto, setembro e outubro, aumentam as chances de ocorrência do fenômeno La Niña (resfriamento anômalo das águas do Pacífico Equatorial).

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JUNHO, JULHO E AGOSTO DE 2024

As previsão climática do modelo do Inmet para os próximos três meses é

mostrada na figura abaixo. O modelo indica chuvas abaixo da média na parte central do país. Chuvas acima da média são previstas em áreas do oeste e norte da Região Norte, além da parte costeira da Região Nordeste e extremo-sul da Região Sul. Ressalta-se que tivemos o início do período seco em grande parte do Brasil Central e, conseqüentemente, os níveis de água no solo sofrem redução.

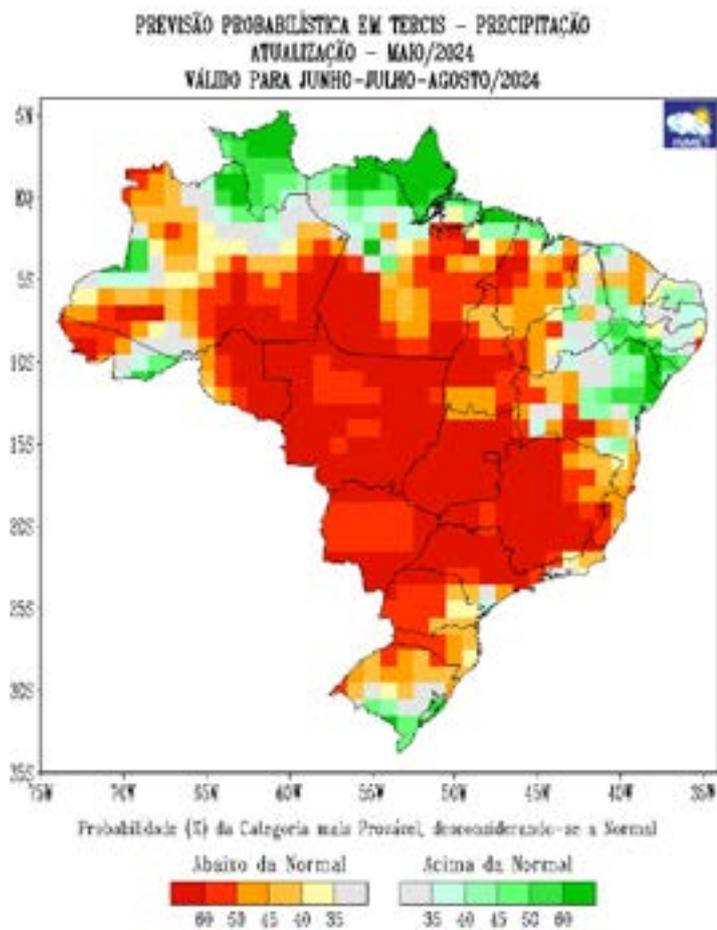
Analisando separadamente cada região do país, tem-se que para a Região Norte, a previsão é de chuvas acima da média em Roraima e Amapá, oeste e nordeste do Amazonas, além do norte do Pará. Nas demais áreas, os volumes de chuva podem ficar próximos ou abaixo da média histórica, que pode reduzir os níveis de umidade do solo nos próximos meses, principalmente no sul da região amazônica.

Na Região Nordeste, há previsão de chuvas acima da média em áreas da parte leste da região, principalmente na região do Sertão. Para o interior da região, a previsão indica chuvas próximas ou abaixo da média, que podem contribuir para a redução do armazenamento hídrico.

Em grande parte das Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet indica chuvas dentro ou abaixo da média, que podem contribuir para a redução dos níveis de água no solo nos próximos meses. Em áreas pontuais do sudeste de São Paulo e sul do Rio de Janeiro, as chuvas previstas podem ficar acima da média.

Na Região Sul, são previstas chuvas abaixo da média, exceto no centro-sul do Rio Grande do Sul, onde as chuvas podem permanecer acima da média. De modo geral, os níveis de água no solo permanecerão elevados devido às chuvas ocorridas nos últimos meses. Porém, o norte do Paraná, poderá sofrer redução dos níveis de umidade no solo.

FIGURA 3 – PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE JUNHO, JULHO E AGOSTO DE 2024



Fonte: Inmet.

Em relação à temperatura média do ar, o modelo continua indicando temperaturas acima da média climatológica em praticamente todo o país, especialmente em áreas do Matopiba, sudeste do Pará e norte do Mato Grosso, onde os valores médios podem ultrapassar os 26 °C. Já em áreas serranas das Regiões Sul e Sudeste, as temperaturas podem ser inferiores a 16 °C, pois não se descarta a entrada de massas de ar frio, que podem causar declínio da temperatura mínima e possível formação de geadas. Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>)

análise das culturas



ALGODÃO

ÁREA

1.944,5 mil ha

16,9%

PRODUTIVIDADE

1.881 kg/ha

-1,4%

PRODUÇÃO

3.657,1 mil t

15,2%

Comparativo com safra anterior.

Algodão em pluma.

Fonte: Conab.

TABELA 3 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ALGODÃO EM PLUMA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.174,7	1.708	2.005,8
2018/19	1.618,2	1.717	2.778,8
2019/20	1.665,6	1.802	3.001,6
2020/21	1.370,6	1.721	2.359,0
2021/22	1.600,4	1.596	2.554,1
2022/23	1.663,7	1.907	3.173,3
2023/24	mai/24	1.941,9	3.643,5
	jun/24	1.944,5	3.657,1

Fonte: Conab.

Com o andamento da colheita em alguns estados, a do Mato Grosso permanece inerte, entretanto quase a totalidade das lavouras estão em maturação, oposto a São Paulo, que se encaminha para o final da colheita. A produção de 3.657,1 mil toneladas de algodão em pluma representa um acréscimo em relação à safra passada e ocorre pelo aumento da área cultivada nos principais produtores nacionais, Mato Grosso e Bahia, mesmo com a redução de produtividade.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: as chuvas de maio foram isoladas e em volume reduzido, porém suficiente para manter o desenvolvimento da cultura.

As lavouras de algodão têm apresentado aspecto saudável de desenvolvimento, com estrutura vegetativa e dosséis bem formados, indicando produtividade promissora na corrente temporada.

Em relação ao manejo da adubação, graças à adequada umidade do solo, várias propriedades decidiram efetivar a adubação de cobertura adicional, com intuito de potencializar o desenvolvimento da cultura, que segue predominantemente no estágio de maturação. Quanto à contenção de pragas, o controle direciona-se, principalmente, no manejo de mosca-branca, lagartas *Spodoptera* e bicudo, sendo este último se apresentando em alta infestação na presente temporada.

O algodão apresentou forte expansão de safra, na qual o milho e a soja tiveram dificuldades, tanto de ordem mercadológica quanto climática. A cultura entrou como substituta à soja na primeira safra em casos pontuais,



Foto 1 - Algodão em maturação - Itiquira-MT

Fonte: Conab.

Foto 2 - Algodão em maturação - Itiquira-MT



Fonte: Conab.

e como opção ao milho na segunda safra, tendo em vista seu maior valor agregado.

Bahia: estima-se aumento da área em relação à safra passada. A expansão do cultivo deve-se aos bons resultados obtidos na safra anterior e à expectativa do aumento do mercado internacional.

Estima-se queda da produtividade em relação à safra passada. Apesar do aporte hídrico considerável no início de 2024, a estimava de queda na produtividade é devido à irregularidade das chuvas e instabilidade climática registrada no final de 2023.

Nos últimos 30 dias houve registro de pouca chuva, com acumulado inferior a 10 mm. A falta de aporte hídrico e alta luminosidade favoreceu a maturação e início da colheita.

As lavouras de sequeiro e irrigado seguem com bom desenvolvimento, havendo em campo lavouras em formação de maçãs, maturação e colheita. Há focos de pragas, mosca-branca, tripses, larva minadora, bicudo e spodoptera, em grau que não cause perdas produtivas. A colheita foi iniciada no fim de maio, e ganhará maior volume em junho.

Mato Grosso do Sul: a perda de maçãs do baixeiro por abortamento e apodrecimento provocada pelo tempo chuvoso e nublado da primeira quinzena de abril, na região norte/nordeste, foi maior que o diagnosticado no levantamento anterior. Posteriormente, o clima normalizou, não sendo constatado chuvas nos últimos 40 dias, mas a umidade que ficou no solo permitiu que as plantas recuperassem boa parte da produção devido à maior emissão de estruturas reprodutivas no terço superior, além do clima seco que manteve a qualidade dos capulhos e passaram a abrir.

Além disso, as lavouras da região sudoeste foram colhidas, com resultados inferiores aos esperados devido à seca e forte calor que a região passou durante o ciclo produtivo do algodão, sendo estes fatos os responsáveis pela redução da produtividade média esperada. Verificou-se no período uma elevação populacional de bicudo-do-algodoeiro, mesmo com o monitoramento e baterias de pulverizações constantes. Também foram

necessárias intervenções para controle de lagarta-das-maçãs, mosca-branca e pulgão neste período avaliativo, sendo verificado tratos até em talhões com mais de 30% dos capulhos abertos para evitar que as secreções açucaradas das pragas sugadoras afetassem a qualidade das fibras.



Foto 3 - Algodão colheita - Chapadão do Sul-MS

Fonte: Conab.

Aguarda-se a passagem da frente fria para aplicação de maturadores, visto que tais produtos apresentam eficiência reduzida com baixas temperaturas, devendo intensificar a colheita no segundo decêndio de junho.

Goiás: a área plantada manteve-se em relação ao levantamento anterior, que apontou uma leve redução da área plantada no estado, as lavouras estão em sua maioria na fase reprodutiva. Já ocorreram colheitas pontuais na região sul, com produtividades dentro dos padrões esperados. Na região sul do estado, a umidade alta no início do mês dificultou a aplicação de controladores de crescimento na cultura de forma que é projetada uma leve redução na produtividade.

A quantidade de água no sistema é ainda favorável para a cultura de sequeiro predominantemente na formação de maçãs e abertura de capulhos na parte baixeira. Quanto às lavouras irrigadas, estas seguem em fase vegetativa e com início de floração. As condições das lavouras são consideradas boas, e os tratamentos fitossanitários realizados dentro dos cronogramas técnicos estabelecidos.

Maranhão: o cultivo da primeira safra ocorre nos municípios de Balsas e Tasso Fragoso, nos Gerais de Balsas, no sul do estado, e foi realizado entre dezembro de 2023 e o início de janeiro de 2024.

As lavouras estão em maturação, com abertura de capulhos e maçãs formadas, com aproximadamente 160 dias após emergência. As lavouras estão em corte fisiológico, com parte da área em processo de aplicação de desfolhantes e aceleradores de maturação, para realizar colheita a partir de junho de 2024. As lavouras apresentam boas condições gerais. No entanto, há presença de ácaros, mosca-branca, pulgão, bicudo e ramulária.

Na presente safra, a área de plantio do algodão safra foi maior em relação ao ano anterior, enquanto a produtividade média permanece igual, com expectativa positiva, até o momento.

A segunda safra, cultivada em Balsas, no sul do estado, teve semeadura entre a segunda quinzena de janeiro e a primeira quinzena de fevereiro de 2024, após a finalização da colheita da soja.

As lavouras de algodão safrinha se encontram em fase de formação de maçãs, com aproximadamente 120 dias após emergência. As lavouras apresentam bom desenvolvimento, mas com presença de ácaros, bicudo,

ramulária e mancha-alvo. Essas lavouras também se encontram em corte fisiológico.

Na safra 2023/24, a área de plantio da segunda safra de algodão é quase o dobro da área alcançada na safra anterior, devido à substituição de área de outras culturas, como soja e milho.

As lavouras devem apresentar rendimento médio estimado da última safra.

São Paulo: a colheita do algodão na região de Holambra, Paranapanema e Avaré está praticamente finalizado. Quanto à região de Riolândia, a área de abrangência é metade sob pivô e metade no sequeiro, a colheita continua prevista para meados de junho.

As temperaturas elevadas e a falta de chuvas agravaram a pressão de pragas, como mosca-branca, tripses e o pulgão. Nas áreas de sequeiro houve infestação de pragas, falta de chuvas e a incidência de calor, que colaboraram para esta redução na produtividade em relação à safra passada.

Tocantins: as chuvas foram regulares durante o desenvolvimento da cultura do algodão safra e da safrinha, e é esperada uma boa produtividade das lavouras.

As lavouras estão em boas condições de desenvolvimento, e as áreas semeadas em dezembro e janeiro receberam boas chuvas durante todo o seu desenvolvimento. Para o algodão safrinha, o plantio ocorre em sucessão à colheita da soja, e o produtor mescla cultivares de ciclo precoce e tardio, espera-se obter, de forma geral, um bom rendimento das lavouras. Com relação aos tratos culturais, ocorreram situações de migração da mosca-

branca da cultura da soja para o algodão, o que incidiu num maior número de aplicações de defensivos.

De forma geral, as lavouras atingiram o estágio de maturação, o próximo passo é realizar a dessecação das áreas que atingiram a maturação fisiológica, onde o início da colheita é para a primeira quinzena de junho.

Minas Gerais: de maneira geral, o clima foi favorável ao bom desenvolvimento das lavouras, que já tiveram sua colheita iniciada no estado. Entretanto, a maior parte das lavouras ainda se encontram em transição para a fase de maturação, com a abertura dos capulhos no terço médio e superior das plantas.

Assim, os produtores já se programam para a aplicação de desfolhantes e maturadores, e espera-se a intensificação da colheita a partir de meados de junho. As expectativas de boa produtividade se mantêm.



Foto 4 - Algodão maturação - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Piauí: confirmou-se um aumento de área em relação à safra anterior. As condições climáticas foram favoráveis às lavouras, que se desenvolveram

em boas condições e se encontram em formação de maçãs e início de maturação. Assim, a estimativa de produtividade fica em linha com a safra anterior.

Paraná: o tempo foi mais seco e quente durante a parte final do ciclo desta cultura, o que refletiu numa redução da produtividade. Porém, a qualidade do produto ficou muito boa, tendo em vista um tempo mais seco durante a época de colheita. Esta cultura, no geral, nesta safra, pode ser considerada em condições médias, visto às condições de tempo mais seco e quente, registradas na parte final do ciclo

Paraíba: até maio 54% da intenção total de plantio foi efetivamente semeada. Fato acarretado pela má distribuição das chuvas, mesmo com a pluviosidade sendo superior ao aferido no mesmo período do ano passado. Tal cenário tardou o início do plantio. Na mesorregião da Zona da Mata o plantio começou no início do mês.

Há um ataque severo de lagartas em diversas culturas na fase de emergência, inviabilizando seu desenvolvimento e exigindo replantio, principalmente no Alto Sertão. Quanto às fases fenológicas, a cultura se encontra com 25% em desenvolvimento vegetativo e 50% em floração.

Rondônia: com a aproximação do final do estágio de desenvolvimento vegetativo, as chuvas, que continuam ocorrendo de forma constante e distribuída, favorecem o bom desenvolvimento vegetativo e reprodutivo da cultura, aumentando a expectativa de produtividade. Com o início de junho, espera-se que as precipitações se reduzam, para garantir melhor qualidade das fibras.

As lavouras de algodão demonstram pleno vigor e bom desenvolvimento,

com plantas encorpadas e de bom porte, já em fase reprodutiva. A cultura atualmente apresenta início da fase final da formação de maçãs e a maioria em fase de maturação do capulho.

Se os prognósticos se confirmarem, a colheita está prevista para a segunda quinzena de julho.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Algodão - Safra 2023/2024										
			NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense	0,68			S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	C	C
TO	Oriental do Tocantins	0,32		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	2,23		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C	
	Sul Maranhense - 2ª Safra					S/E/DV	DV	F	FM	FM/M	M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	0,86		S/E	E/DV	DV	F/FM	FM/M	FM/M	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano	20,80		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/FM	F/FM	FM/M	FM/M/C	FM/M/C	M/C	C
	Norte Mato-grossense - 1ª Safra	45,87		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
Norte Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra	6,74		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MT	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra	0,93		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra	13,99		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra	1,83		S/E/DV	DV	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra	0,51	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra	1,48		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 2ª Safra				S/E/DV	E/DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	0,67	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	0,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	F/FM	FM/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FM)=formação de maçãs; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

O nono levantamento de safra 2023/24, realizado pela Conab, indica que a atual safra do algodão, a qual já está entrando em fase de colheita, deverá gerar 3,66 milhões de toneladas de pluma, crescimento de 15,2% em comparação à safra 2022/23. Com a produtividade 1,4% menor em relação à safra anterior, este aumento de produção ocorre em virtude do crescimento de 16,9% da área destinada à cultura, a qual atingiu 1,94 milhão de hectares. A boa rentabilidade da cotonicultura e problemas climáticos no final de 2023 e início de 2024 fizeram com que alguns produtores aumentassem a área dedicada ao algodão.

Neste ano de 2024, até maio, foram exportadas 1,23 milhão de toneladas de algodão em pluma pelo Brasil, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Só a China importou 543,7 mil toneladas, mais que o dobro do Vietnã, o segundo colocado, com 212,7 mil toneladas. Diante da boa competitividade do algodão brasileiro no mercado internacional, a expectativa é que nesse ano de 2024, as exportações brasileiras de algodão atinjam 2,71 milhões de toneladas. Para garantir este montante, é fundamental que a economia mundial e, principalmente, a chinesa tenham um bom crescimento.

O movimento do mercado interno de algodão permanece um pouco lento. Seus agentes estão retraídos, observando os referenciais externos e acompanhando o desenvolvimento da safra norte-americana, enquanto aguardam a entrada da nova safra brasileira, a qual deverá começar a ser negociada no spot a partir de meados de junho.

A espera de notícias mais animadoras quanto à economia brasileira, os

compradores têm adquirido apenas o suficiente para suas necessidades imediatas. Há a expectativa de melhora nos indicadores interno e crescimento da produção industrial, o que deve fazer o consumo doméstico de pluma de algodão atingir 710 mil toneladas. Assim, a expectativa é que os estoques finais fiquem próximos de 2,43 milhões de toneladas, o que significa um crescimento de 10,6% em relação ao saldo da safra 2022/23, representando uma relação estoque consumo de 340,4%, o mais alto de todos os tempos.

TABELA 4 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	629,1	2.005,8	19,6	2.654,5	700,0	974,0	980,5
2018/19	980,5	2.778,8	1,7	3.761,0	720,0	1.613,7	1.427,3
2019/20	1.427,3	3.001,6	2,2	4.431,1	690,0	2.125,4	1.615,7
2020/21	1.615,7	2.359,0	4,6	3.979,3	720,0	2.016,6	1.242,7
2021/22	1.242,7	2.554,1	2,3	3.799,1	675,0	1.803,7	1.320,4
2022/23	1.320,4	3.173,3	1,7	4.495,4	680,0	1.618,2	2.197,2
2023/24	mai/24	2.197,2	3.643,5	1,0	5.841,7	710,0	2.416,7
	jun/24	2.197,2	3.657,1	1,0	5.855,3	710,0	2.430,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.591,6 mil ha

+7,6%

PRODUTIVIDADE

6.576 kg/ha

-3,0%

PRODUÇÃO

10.466,9 mil t

+4,3%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 5 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - ARROZ

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.972,1	6.118	12.064,2
2018/19	1.702,5	6.158	10.483,6
2019/20	1.665,8	6.713	11.183,4
2020/21	1.679,2	7.007	11.766,4
2021/22	1.617,3	6.666	10.780,5
2022/23	1.479,5	6.780	10.031,8
2023/24	mai/24	1.574,9	10.495,1
	jun/24	1.591,6	10.395,7

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Mesmo com as adversidades climáticas registradas no Rio Grande do Sul, houve avanço na colheita total do arroz no último mês, chegando às fases finais da safra com redução significativa em relação ao potencial produtivo esperado, principalmente pelas perdas registradas na rizicultura gaúcha.

De maneira geral, houve aumento na área plantada em comparação ao total semeado na temporada anterior, sendo um incremento tanto no arroz

irrigado quanto no sequeiro, algo motivado ainda à época da semeadura pela expectativa de bons preços praticados no mercado do cereal. Porém, o rendimento médio deverá ficar comprometido por conta dos danos às lavouras sul-rio-grandenses.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: a colheita do arroz se encaminha para a conclusão, com 97% da área total colhida até o fim de maio, mesmo em meio às adversidades para concluir as operações.

De maneira geral, a safra foi impactada com fatores variados como: atraso na semeadura em algumas localidades, baixa radiação solar em parte do ciclo e, principalmente, as fortes chuvas ocorridas no último mês, que provocaram perdas significativas sobre a cultura. Aliás, essas perdas provocadas pelas chuvas e suas consequências poderiam ser ainda maiores se já não houvesse um grande percentual de área colhida no momento das intempéries.

Nas últimas semanas, os técnicos regionais da Conab realizaram um estudo para projeção dos impactos dessas chuvas nas áreas de arroz. O mapeamento obtido com informações georreferenciadas estimou que 151 mil hectares tinham cultivo de arroz e que não haviam sido colhidos à época (área total plantada no estado foi de 900,6 mil hectares).

Contudo, 42,1 mil hectares desses não colhidos é que estavam em condições de alagamento/inundação, representando 4,7% da área total cultivada com a cultura no estado. Ainda assim, nem todas dessas lavouras não colhidas e alagadas deixaram de ser colhidas. É evidente que a maioria apresentou

perdas integrais e não tiveram nenhuma hipótese de aproveitamento de produção, entretanto algumas dessas áreas ainda conseguiram obter colheita, embora com perdas substanciais em termos qualitativos e quantitativos.

Analisando detalhadamente as condições nas principais regiões rizicultoras do estado, as localidades da Fronteira Oeste, Campanha e Sul são as mais representativas para a rizicultura gaúcha e ali as operações de colheita estão, atualmente, em fase de conclusão, voltando a avançar após os níveis das águas diminuírem e permitirem a entrada de máquinas nas lavouras.

Já as regiões próximas da Lagoa dos Patos, região Litorânea e a região Central, que foram as áreas mais afetadas pelas enchentes, possuem menor representatividade no volume total produzido pelo estado. Ali, as operações de colheita estão mais atrasadas, por conta da dificuldade na drenagem das áreas afetadas.

Os produtores aproveitaram os poucos dias de sol para tentar colher as lavouras em áreas de várzea e alagadas. Quando conseguiram, os grãos colhidos foram de baixa qualidade e com péssimas produtividades. Muitas lavouras em áreas baixas, nas encostas e beiras de rios, não serão colhidas, sendo consideradas pelos produtores como perda total.

Além das perdas por alagamento, o excesso de umidade do solo e dos grãos atrasou a colheita e gerou perdas tanto quantitativas quanto qualitativas, por grãos germinados e por plantas acamadas. Na região Central, onde a colheita estava mais atrasada no final de abril, foi onde se observou as maiores perdas. Várias lavouras chegaram a ficar 20 dias totalmente submersas. Também na Depressão Central, há registros de áreas que não conseguirão ser colhidas por conta das perdas ocasionadas pelas cheias de

rios importantes da região, como os rios Jacuí, Soturno e Portela.

Na região Sul, a colheita está praticamente finalizada, e a estimativa não é de uma redução tão grande na produção total. Os últimos grãos estão sendo colhidos com umidade de até 40%, aumentando a importância de possuir secador para reduzir a perda de qualidade.

Na Planície Costeira Interna quase 90% da área foi colhida. Somente a parte norte, na região do Vale do Rio Taquari e no município de Eldorado do Sul, foi afetada mais significativamente pelas águas. A estimativa é que a produção na região vai ficar próxima da safra anterior, pois houve aumento de área considerável.

Na Fronteira Oeste, 95% da área está colhida. A produtividade é inferior à safra passada devido ao atraso na semeadura e falta de luminosidade do que propriamente por alagamentos provocados pelos rios Ibirapuitã, Ibicuí e Uruguai.

Santa Catarina: a colheita foi finalizada no último mês. De maneira geral, houve a confirmação da estimativa de redução no rendimento médio, se comparado ao ano passado, principalmente por adversidades climáticas e fitossanitárias em partes do ciclo, acabando por influir sobre o potencial produtivo da cultura.

A ocorrência de chuvas excessivas, baixa luminosidade, excesso de nebulosidade, dificuldade de execução de tratamentos fitossanitários e excesso de calor na floração, prejudicaram o desenvolvimento das lavouras, e à medida que a colheita avançou foi se confirmando uma produtividade menor.

As instabilidades também favoreceram a infestação de ervas daninhas,

gerando dificuldade no controle, haja vista que os produtores não conseguiram realizar as aplicações de defensivos em tempo hábil por conta das chuvas. A lixiviação de nutrientes também foi um fator observado, especialmente nos períodos de precipitações mais intensas. Desta forma, a produtividade média apresentou queda em relação ao observado na safra passada, quando as condições climáticas foram mais favoráveis.

Quanto à qualidade dos grãos obtidos, observou-se perdas pontuais por conta de umidade na maturação e também por ataque de pragas, como o percevejo. Porém, no geral, o resultado foi considerado bom.

Tocantins: o clima mais estável do último mês favoreceu a secagem natural dos grãos em maturação e ao avanço da colheita, que está praticamente finalizada, restando apenas algumas áreas irrigadas de plantio mais tardio, que vieram em sucessão à colheita da soja/milho de primeira safra.

A área total semeada cresceu em comparação a 2022/23 e também em relação ao levantamento passado principalmente em razão do ajuste feito nas estimativas de área semeada mediante o desenvolvimento de um mapeamento agrícola para a cultura no estado, associando análises oriundas de georreferenciamento (por vetorização de dados), com visitas de campo para validação dessas demarcações.

Também há justificativa no incremento de áreas mediante ao crescimento de cultivo de arroz de segunda safra, que é semeado em sucessão da colheita de soja e milho de primeiro ciclo.

Já o potencial produtivo acabou sendo reduzido em relação ao alcançado na temporada anterior, principalmente por adversidades climáticas no início do ciclo, que até mesmo potencializaram a pressão de doenças fúngicas,

como o brusone, além de aumento na infestação de ervas daninhas. Com a regularidade das chuvas a partir do início de janeiro, grande parte das lavouras teve uma recuperação, amenizando as médias de produtividades.



Foto 5 - Arroz irrigado maturação - Pium-TO

Fonte: Conab.

No entanto, esse mesmo aumento das chuvas durante a maturação dos grãos também impactou a qualidade do produto em algumas áreas de produção.

Goiás: a safra está quase finalizada, restando pequenas áreas, tanto em sequeiro como irrigadas, que deverão ser colhidas nos próximos dias.

O grande destaque do ciclo foi o incremento na área plantada em comparação à temporada anterior. Tal variação se deu tanto nas áreas irrigadas, como nas áreas de sequeiro, que retomaram a produção depois de um ano anterior sem cultivo. As principais motivações para tal acréscimo

vêm por questões de mercado mais favoráveis ao cereal e à adequação da janela ideal de plantio.

Quanto ao desenvolvimento da cultura em campo, percebeu-se que as lavouras em sequeiro acabaram sofrendo com a irregularidade das chuvas em alguns períodos e isso gerou redução no potencial produtivo. Mas o bom incremento de área deverá garantir uma produção final superior ao volume total colhido na temporada passada.

Maranhão: a colheita passou dos 60% ao final do segundo decêndio de maio. A escassez de chuvas nas principais regiões produtoras favoreceu o avanço dessas operações de sega e também auxilia na secagem dos grãos maduros na pré-colheita, visto que quase todas as lavouras remanescentes estão em estágio de maturação.

De maneira geral, a cultura se encontra em boas condições, devendo manter um bom potencial produtivo e alcançando um rendimento médio superior aquele obtido no exercício passado.

Nas regiões da Baixada Maranhense, no norte maranhense, e no Médio Mearim, no centro maranhense, onde ocorre o cultivo de arroz em sistema de cultivo sequeiro favorecido, cuja implantação é realizada com uso de cultivares de arroz irrigado melhoradas, em área planas onde ocorre inundação natural dos campos por águas das chuvas, sem controle de irrigação, com pacote tecnológico mais moderno, por meio de médios e pequenos produtores.

Esse cultivo alcança as maiores produtividades do estado. Na região sul do estado, a colheita do arroz de sequeiro, utilizado para abertura de áreas de soja ou cultivado por pequenos e médios produtores, foi finalizada. Nas

regiões leste, centro, oeste e norte do estado, o plantio de arroz de sequeiro ocorreu entre o final de dezembro de 2023 e fevereiro de 2024, tendo atualmente as operações de colheita em andamento e devendo se encerrar até junho de 2024.

A maior parte do cultivo é realizada pela agricultura familiar, sendo manejada em várias localidades na consorciação com milho, feijão-caupi e mandioca. Nesta safra, a área plantada sofreu redução em comparação à temporada passada, justamente em razão da diminuição nas áreas relacionadas à agricultura familiar, que tiveram percalços com o atraso no início das chuvas e pela ausência de distribuição de sementes pelo Programa Mais Sementes e Mudas do governo do estado.

Quanto à produção, a estimativa é de pequena redução em relação a 2022/23, mas com números próximos ao volume alcançado naquela safra.

Minas Gerais: a safra está se encaminhando para a fase final, com a colheita bem adiantada, principalmente nas áreas mais tradicionais da rizicultura mineira, localizadas no sul do estado. De maneira geral, o ciclo teve um expressivo incremento na área plantada, por conta da adição de novas lavouras irrigadas no noroeste do estado, algo que trouxe um bom incremento para o rendimento médio geral da cultura, mesmo registrando perdas de potencial produtivo nas lavouras em sequeiro do norte do estado, que acabaram enfrentando períodos importantes de estiagens, impactando parte do desenvolvimento das plantas.

Assim, o ciclo deverá ser finalizado com uma produção bem superior a 2022/23, com incrementos tanto na área total semeada quanto na produtividade média da cultura, considerando os dois tipos de manejos, irrigado e sequeiro, realizados no cultivo de arroz no estado.



Foto 6 - Arroz segunda safra maturação - Paranatinga-MT

Fonte: Conab.

Mato Grosso: a colheita foi finalizada, confirmando a boa perspectiva para a cultura neste ciclo. Houve importante incremento na área plantada em comparação à temporada anterior, relativizando parcialmente a queda no potencial produtivo, também em relação a 2022/23, causada por oscilações climáticas e intempéries registradas em fases cruciais do ciclo da cultura.

Mato Grosso do Sul: o último mês foi de um clima mais seco e ensolarado, algo que acabou sendo favorável às lavouras que já estavam, majoritariamente, em fase de maturação dos grãos e efetiva colheita. A boa luminosidade foi muito benéfica à cultura, e as chuvas registradas ainda em abril conseguiram garantir umidade nos solos e nos reservatórios (para a irrigação suplementar) suficiente para viabilizar a etapa final do ciclo da cultura.

As operações de colheita foram finalizadas, e o resultado final acabou sendo superior ao de 2022/23. A produtividade média foi similar àquela alcançada na temporada passada, apresentando leve redução, mas o incremento na área plantada foi fundamental para atingir esse volume total obtido. Vale

destacar o trabalho de mapeamento estadual da cultura, realizado neste ciclo, que permitiu ajustar as estimativas e trazer dados ainda mais robustos.

São Paulo: a cultura é manejada tanto em condições de sequeiro como em sistema irrigado. A área sob irrigação é mais expressiva e se concentra, particularmente, na região do Vale do Paraíba. Neste ciclo, as condições gerais foram muito boas para o cereal irrigado, que já foi todo colhido e alcançou uma produção superior à obtida na temporada passada por conta desse incremento no rendimento médio.

Já para a área em sequeiro, as condições não foram tão favoráveis à cultura durante o ciclo, especialmente pelos episódios de altas temperaturas e escassez pluviométrica em momentos críticos da fenologia das plantas. Como a área destinada a tal cultivo é bem diminuta, sua influência sobre a produção total não é impactante, propiciando assim um volume final bem satisfatório e acima do valor obtido em 2022/23.

Paraná: a colheita está finalizada, tanto nas áreas em sequeiro quanto nas lavouras irrigadas. De maneira geral, houve redução na área total plantada com a cultura neste ciclo em comparação a 2023, principalmente por conta das adversidades climáticas, excesso de chuvas, registradas em algumas regiões, especialmente no noroeste paranaense, no começo da safra.

Também houve diminuição no potencial produtivo devido a oscilações climáticas, gerando uma produtividade média inferior aquela alcançada na temporada passada.

Alagoas: a colheita está finalizada. Mesmo com a redução no potencial produtivo por conta de infestações pontuais de plantas invasoras e presença mais acentuada de pragas como o percevejo, a área plantada apresentou

bom incremento e permitiu viabilizar uma produção total superior àquela obtida no ano passado.

Piauí: a maior parcela de área plantada com a cultura é manejada em sequeiro, visto que neste ciclo, no geral, o desenvolvimento das lavouras foi considerado bom, com exceção de áreas mais ao sul e sudeste do estado, que acabaram apresentando resultados ruins e reduzindo a média produtiva da cultura como um todo.

Também há uma pequena quantidade de área que é manejada sob irrigação e que está em fase inicial do ciclo, com um plantio tradicionalmente mais tardio. Ali as lavouras seguem em estádios vegetativos, evoluindo em boas condições, até o momento.

Rondônia: há duas épocas distintas de plantio no estado. A primeira, iniciada ainda em 2023, apresentou bom desenvolvimento geral, mesmo nos períodos em que as chuvas foram mais volumosas e intensas durante parte do ciclo. Nesse período também foi registrado um acréscimo nas áreas plantadas, com substituição da cultura em regiões que inicialmente semeariam soja, mas que não obtiveram umidade adequada e acabaram migrando para o cultivo de arroz posteriormente. Atualmente, a colheita dessas áreas já está encerrada.

Já no segundo ciclo, por terem um plantio mais tardio, as lavouras ainda estão em campo, passando por fases reprodutivas nesse momento do levantamento. Com o uso de cultivares menos resistentes ao excesso de umidade, a incidência de acamamento das plantas e o surgimento de doenças fúngicas acabaram sendo mais expressivas e reduziram o potencial produtivo da cultura nesse período.

No geral, a safra estadual deverá ter incremento na área plantada em relação à temporada anterior, mas a produtividade média não seguirá o mesmo caminho e poderá apresentar diminuição por conta das adversidades já mencionadas. Ainda assim, a produção total estimada é superior ao resultado alcançado em 2022/23.

Pará: a colheita está em andamento nas lavouras em sequeiro e já foi concluída nas áreas irrigadas. A área plantada total destinada à cultura teve incremento em comparação ao exercício passado, e a estimativa de rendimento médio também é positivo, já que a maior parte do ciclo se deu em condições favoráveis ao arroz.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas										
UF	Mesorregiões	Produção* %	Arroz - Safra 2023/2024										
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RR**	Norte de Roraima	0,72					S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RO	Leste Rondoniense	0,62					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C	
TO**	Ocidental do Tocantins	4,71			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense	0,58					S/E	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	2,91			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO**	Leste Goiano	0,57		S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C	
PR**	Noroeste Paranaense	1,17	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C		
SC**	Norte Catarinense	1,32	S/E	S/E/DV	S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Vale do Itajaí	2,02	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Catarinense	7,45	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	6,20		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense	4,08		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre	16,93		PS	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense	29,07		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	14,77		PS	S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita. (**)=total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2023/24 de arroz será 3,6% maior que a safra 2022/23, sendo projetada em 10,4 milhões de toneladas. Este resultado é reflexo principalmente da estimativa de significativa expansão de área em meio à recuperação da rentabilidade projetada para o setor. Todavia, cabe pontuar que os recentes extremos eventos climáticos no Rio Grande do Sul refletiram em perda de produtividades das lavouras do grão.

Sobre o quadro de oferta e demanda do arroz, neste nono levantamento, estima-se uma expansão do consumo nacional para 11 milhões de toneladas na safra 2023/24. Esta revisão foi realizada com base no provável cenário de políticas públicas de incentivo à ampliação de consumo de arroz ao longo de 2024, além da significativa expansão do auxílio médio e do número de beneficiários do Programa Bolsa Família. Mais especificamente sobre a balança comercial, as exportações, na safra 2021/22, apresentaram um significativo volume comercializado e encerrou o ano de 2022 com 2,1 milhões de toneladas vendidas, em razão da boa competitividade do grão no mercado internacional e quebra da safra norte-americana.

Na safra 2022/23, em meio a um cenário de menor disponibilidade do grão e de maiores preços internos, notou-se uma retração do volume comercializado com o mercado externo para 1,8 milhão de toneladas, sendo este valor próximo da média comercializada ao longo dos últimos anos, com exceção da safra 2020/21, que apresentou movimentação atípica. Para a safra 2023/24, com a alta probabilidade de que os preços internos operem acima das paridades de exportação e com a recomposição produtiva norte-americana, a projeção é de redução dos volumes exportados para 1,2 milhão de toneladas pelo Brasil.

Sobre as importações, o país importou 1,5 milhão de toneladas em 2023 e, para 2024, projeta-se uma expansão do volume importado para 2,2 milhões, em razão ainda da necessidade de recomposição da oferta nacional. Com isso, em meio aos números apresentados, a projeção é que o estoque de passagem apresente incremento ao longo de 2024, com um volume estimado de 2,2 milhões de toneladas ao final do ano em curso.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5
2020/21	1.887,5	11.766,4	1.004,1	14.658,0	10.832,4	1.143,5	2.682,1
2021/22	2.682,1	10.780,5	1.212,3	14.674,9	9.996,6	2.111,3	2.567,0
2022/23	2.567,0	10.031,8	1.442,5	14.041,3	10.500,0	1.753,9	1.787,4
2023/24	mai/24	1.787,4	10.495,1	2.200,0	14.482,5	11.000,0	2.282,5
	jun/24	1.787,4	10.395,7	2.200,0	14.383,1	11.000,0	2.183,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2024.

Estoque de passagem - Arroz: 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de arroz, [clique aqui](#).



FEIJÃO

ÁREA

2.844,7 mil ha

+5,4%

PRODUTIVIDADE

1.171 kg/ha

+4,1%

PRODUÇÃO

3.331,3 mil t

+9,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

ANÁLISE DA CULTURA

Pelo seu apelo alimentar, mercadológico e agrônômico, a cultura tem grande relevância na agricultura nacional. Nesse último quesito, tem papel fundamental no planejamento de calendário agrícola, justamente por possuir um ciclo fenológico considerado adequado ao seu plantio em uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra.

Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio de feijão, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra, semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra, cultivado entre janeiro e abril, e o de terceira safra, semeado de maio a julho.

FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 7 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA		ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18		1.061,2	1.212	1.286,4
2018/19		922,6	1.072	989,1
2019/20		914,5	1.209	1.105,6
2020/21		909,2	1.074	976,4
2021/22		909,3	1.036	941,8
2022/23		857,3	1.116	956,6
2023/24	mai/24	851,1	1.092	929,2
	jun/24	860,7	1.094	941,8

Fonte: Conab.

A colheita da primeira safra de feijão em 2023/24 é considerada finalizada, mesmo depois de certo atraso nas operações, especialmente em áreas do Nordeste, que tiveram postergação das chuvas e adiando o final de ciclo. Destaca-se, nesse último levantamento, um ajuste de área no feijão-caupi da Bahia, que foi uma das últimas regiões a finalizar a colheita, tendo uma inclusão de áreas do oeste baiano que foram semeadas em substituição à soja devido à melhor adequação da janela ideal de plantio.

Vale ressaltar que, de maneira geral, as lavouras de plantio posterior obtiveram melhores resultados, pois enfrentaram condições climáticas mais favoráveis à cultura, especialmente em fases mais críticas do ciclo, quando comparado ao início do ciclo, principalmente com chuvas mais regulares e de melhor distribuição, além de temperaturas mais amenas. Assim, a estimativa média do rendimento melhorou em relação ao divulgado nos últimos levantamentos por conta desses incrementos provenientes das áreas tardias, com melhores condições.

Contudo, a produção final foi inferior a 2022/23, principalmente em razão dessas oscilações climáticas durante o ciclo, que impactou na destinação de

área para o plantio e no rendimento médio alcançado.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica												
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24									
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	
PA	Nordeste Paraense	0,79						PS	S/E/DV	DV/F/EG/M	F/EG/M	M/C
	Norte Piauiense	0,72				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
PI	Centro-Norte Piauiense	0,82				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Sudoeste Piauiense	3,23				S/E/DV	E/DV/F	F/EG	F/EG	M/C	C	
BA	Sudeste Piauiense	2,43				S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Extremo Oeste Baiano	8,68			S/E/DV	E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	M/C	C	
GO	Vale São-Franciscano da Bahia	0,76			S/E	S/E/DV	E/DV/F	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C
	Centro Sul Baiano	2,03			S/E	S/E/DV	E/DV/F	E/DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
DF	Leste Goiano	5,43		S/E	S/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	C			
	Sul Goiano	4,64		S/E	DV/F	EG/M	EG/M	EG/M/C				
MG	Norte Goiano	2,28		S/E	E/DV	F/EG	F/EG	F/EG/M	M/C			
	Distrito Federal	2,78		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F	F/EG	EG/M/C	C		
DF	Noroeste de Minas	7,23			S/E/DV	F/EG	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C		
	Norte de Minas	1,36			S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	M/C		
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,24		S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Metropolitana de Belo Horizonte	0,70		S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Oeste de Minas	0,84		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Sul/Sudoeste de Minas	2,64		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
MG	Campo das Vertentes	2,38		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
	Zona da Mata	1,22		S/E	E/DV/F	F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C			
SP	Assis	0,89		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C	M/C				
	Itapetininga	1,29	S/E	E/DV	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C				
SP	Macro Metropolitana Paulista	1,01		S/E	E/DV	F/EG/M	M/C	M/C				
	Norte Pioneiro Paranaense	1,26	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	M/C	C				
PR	Centro Oriental Paranaense	4,09	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Oeste Paranaense	0,91	S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C	C				
PR	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
	Centro-Sul Paranaense	2,11	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C			
PR	Sudeste Paranaense	9,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C			
	Metropolitana de Curitiba	5,02	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M	M/C			
SC	Oeste Catarinense	2,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Catarinense	1,67	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	M/C		
SC	Serrana	1,97	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	DV/F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	EG/M/C	C	

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão primeira safra - Safra 2023/24								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RS	Noroeste Rio-grandense	0,77	S/E	S/E/DV	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense	2,60			S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO SEGUNDA SAFRA 2023/24

TABELA 8 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO SEGUNDA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	1.532,7	793	1.216,0
2018/19	1.418,6	917	1.300,4
2019/20	1.423,0	875	1.244,7
2020/21	1.446,4	787	1.137,8
2021/22	1.419,1	945	1.341,1
2022/23	1.326,2	962	1.275,8
2023/24	mai/24	1.467,4	1.597,9
	jun/24	1.491	1.610,9

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Paraná: de maneira geral, o último mês apresentou um clima favorável às lavouras que já estavam em fases mais avançadas do ciclo, tendo sua maturação e a própria colheita, visto que três quartos da área total já estava colhida ao final de maio, em um cenário adequado (há registro pontual de chuvas mais volumosas no final de maio que trouxeram perdas qualitativas em algumas áreas).

Já para aquelas lavouras de plantio mais tardio, a escassez de precipitações foi um fator negativo, trazendo limitação na disponibilidade hídrica para as plantas em fases consideradas críticas, como a floração e o enchimento de grãos. Soma-se a isso os registros, mesmo que pontuais, de aumento

na incidência de doenças como a bacteriose, podendo impactar o potencial produtivo da cultura, mas ainda mantendo a previsão de incremento no rendimento médio em comparação à temporada passada.

Minas Gerais: para este levantamento houve um pequeno ajuste na estimativa de área plantada em relação ao divulgado no mês anterior, com leve diminuição na previsão em razão de não efetivação de semeadura em algumas áreas que tinham planejamento para tal.

Já no aspecto de campo, considerando as condições gerais das lavouras, percebeu-se que o cenário, até então bem favorável à cultura, especialmente no aspecto climático, apresentou irregularidade nesse último mês. Houve redução no volume de chuvas, algo que gerou estresse hídrico sobre algumas lavouras e diminuiu parte do potencial produtivo. Mesmo com a colheita ainda em fase inicial, com 16% da área total colhida até o fim de maio, já se estima um rendimento médio inferior e também devendo ficar abaixo do valor alcançado na temporada passada. Vale ressaltar que as estimativas não foram ainda menores, pois a principal região produtora nesse período, Sul de Minas, demonstrou condição climática menos restritiva que no restante do estado.

Santa Catarina: a colheita avançou bastante, principalmente no extremo-oeste do estado, e chegou a cerca de 80% da área total ao final de maio.

Os dias nublados foram constantes nesses últimos dias do mês, podendo impactar no potencial produtivo das lavouras mais tardias. De maneira geral, a estimativa é de produtividade média final inferior àquela alcançada no ano passado por conta das oscilações climáticas mais marcantes ao longo do atual ciclo. Contudo, o aumento na área plantada, justificado especialmente por questões de mercado, visto nessa safra deve auxiliar na

obtenção de um resultado até superior ao observado em 2022/23.

Bahia: o plantio foi finalizado com a implantação das lavouras irrigadas. A conclusão desse plantio trouxe a confirmação de incremento na área semeada em comparação à temporada passada, principalmente pela substituição de áreas de milho irrigado e também pelo prolongamento do período chuvoso na região produtora, favorecendo as condições edafoclimáticas para a cultura como um todo.

As lavouras seguem em desenvolvimento vegetativo e apresentam boas condições gerais, sem registros significativos de ataques de mosca-branca e lagartas, que são comuns nas áreas produtoras desse segundo ciclo.

Goiás: colheita finalizada na pequena área destinada à cultura nessa segunda safra, e muitas das áreas antes cultivadas migraram para o cultivo na terceira safra.

Houve ajuste nas estimativas de área total e produtividade média em comparação ao levantamento passado. Para a área plantada se obteve correção nas informações e se constatou aumento em relação ao divulgado anteriormente. Já para o rendimento médio, percebeu-se que as oscilações climáticas, principalmente no aspecto das chuvas irregulares ao longo do ciclo, que reduziu parte do potencial produtivo e diminuindo a expectativa anteriormente apresentada.

Mato Grosso: não houve chuvas significativas nas principais localidades produtoras, entretanto as propriedades que possuem o suporte de irrigação fizeram o uso da tecnologia para a conservação da umidade do solo.

A colheita nas áreas de sequeiro segue em ritmo moderado. A produtividade e a qualidade dos grãos dessas áreas têm sido consideradas otimistas graças

às chuvas regulares ocorridas entre março e abril, que mantiveram bom índice de umidade nos solos e permitiu bom desenvolvimento vegetativo das plantas, até mesmo permitiu incremento na estimativa de rendimento médio em comparação ao levantamento anterior.

Quanto às áreas irrigadas, localizadas principalmente na parte oeste mato-grossense, seguem em pleno estágio de enchimento de grãos e maturação.

Mato Grosso do Sul: o comportamento climatológico do último mês foi bem desfavorável às lavouras de feijão do estado, principalmente para aquelas áreas que estavam em florescimento e enchimento de grãos e que representaram aproximadamente metade das lavouras. O estresse hídrico e o calor provocaram abortamento de flores e vagens, com casos de inviabilização da colheita. A redução no potencial produtivo só não foi maior por conta das áreas conduzidas sob pivô-central e daquelas que foram implantadas após as últimas chuvas de abril e que receberam as precipitações ocorridas no fim de maio. Dificultando a situação, ainda houve forte pressão de mosca-branca nas lavouras, demandando reaplicações constantes para evitar os danos produtivos, elevando os custos de produção. Outros tratamentos culturais envolveram o controle de lagartas que apareceram em um patamar populacional considerado normal e pulverização de fungicidas no pré-florescimento dos talhões de sequeiro, com casos de até três doses nas fases subsequentes daqueles irrigados, de alto investimento e de elevadas perspectivas produtivas.

A colheita está em andamento, e a previsão é que as atividades se estendam até junho, confirmando aumento de área plantada em comparação à temporada anterior e podendo amenizar as perdas de potencial produtivo para a produção final.

Rondônia: as chuvas ocorreram de forma regular e em volumes significativos no último mês, sendo, de modo geral, consideradas favoráveis à cultura. As exceções pontuais ficaram nas áreas com solos de menor capacidade de drenagem, que tiveram dificuldade no escoamento hídrico e podem apresentar perdas associadas à alta umidade.

As lavouras apresentaram bom desenvolvimento vegetativo e seguem demonstrando boas condições, agora nas fases reprodutivas.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Paraná: pouco mais de 70% da área total colhida até o fim de maio. As condições climáticas gerais foram favoráveis para esse avanço da colheita, tendo apenas restrição pontual nas operações ao final do mês por conta de chuvas nas regiões produtoras, dificultando os trabalhos de campo e também reduzindo parte da qualidade desses lotes de grãos obtidos.

Com o clima mais seco na maior parte do mês, as lavouras que estavam em estádios menos avançados no ciclo foram desfavorecidas devido à menor incidência pluviométrica, já que a demanda hídrica nessas fases fenológicas, principalmente floração e enchimento de grãos, são críticas e apresentam maior sensibilidade à escassez de umidade.

Esse fator, somado ao aumento de registros de doenças como a bacteriose, podem reduzir o potencial produtivo da cultura, mas a expectativa geral ainda é de maior rendimento médio nesta safra em relação ao obtido em 2022/23.

Santa Catarina: o clima no último mês foi oscilante e apresentou períodos bem desfavoráveis às lavouras mais tardias, por conta dos dias nublados, que diminuiriam a incidência solar e o potencial fotossintéticos das plantas

em enchimento de grãos. Contudo, mesmo com uma leve redução no potencial produtivo, a expectativa é de um rendimento médio superior ao visualizado na temporada passada, somando-se ao bom aumento de área plantada, favorecida pelos bons preços pagos pelo produto, e perfazendo uma estimativa de produção maior que o resultado final de 2022/23.

As operações de colheita estão avançadas, principalmente no extremo-oeste do estado, e já alcançaram cerca de 70% da área total ao final de maio.

Rio Grande do Sul: mesmo com as constantes chuvas que marcaram o último mês, a colheita retomou o seu andamento e já ultrapassa a metade da área total.

De maneira geral, o excesso de umidade prejudicou, não só as atividades de sega, mas também impactaram as lavouras, diminuindo não só o potencial produtivo da cultura, como também a qualidade dos grãos. Há um aumento na incidência de doenças fúngicas, especialmente a antracnose, por conta dessa alta umidade nas lavouras. Soma-se a isso, os danos acentuados de grãos mofados, germinados e impróprios para consumo, também por conta da grande quantidade de água sobre os grãos. Na região central do estado, onde as chuvas tiveram efeitos maiores, as perdas observadas sobre a cultura do feijão já se mostram significativas.

FEIJÃO-CAUPI

Ceará: o início do ciclo foi considerado oscilante em termos climáticos, pois em janeiro de 2024, as condições foram de escassez pluviométrica, com períodos de estiagem que limitaram o plantio e a viabilização da germinação/emergência das lavouras. Até por isso houve desistência de alguns produtores ao cultivo da leguminosa nesse período, reduzindo assim a estimativa de

área total plantada em comparação a 2022/23.

Contudo, a partir de fevereiro, as chuvas vieram e em volumes acima da média, permitindo bom desenvolvimento das lavouras, especialmente daquelas de plantio mais tardio.

Atualmente, já se observa um bom avanço da colheita, alcançando quase metade da área total. Quanto às lavouras remanescentes em campo, o cenário é bom, porém com ressalvas pontuais no aspecto fitossanitário, já que em algumas localidades houve aumento substancial da incidência de pragas e doenças, favorecidas pela alta umidade registrada em algumas fases do ciclo.

Mato Grosso: mais uma vez houve ajuste sobre a estimativa de área plantada, elevando ainda mais o incremento de área em relação à temporada anterior, que se dá principalmente pelos melhores preços pagos pelo feijão em relação à do ano anterior e também em comparação à rentabilidade atual de outros cultivos nessa segunda safra, como milho e sorgo, que também tiveram seu



Foto 7 - Feijão-caupi segunda safra, enchimento de grãos - Itiquira-MT

Fonte: Conab.

calendário usual de plantio estrangulado pelo atraso na colheita das culturas de primeira safra.

De modo geral, o clima foi mais seco no último mês, mas as chuvas que se registraram até abril foram importantes para garantir um bom nível de umidade nos solos e atender as demandas da cultura em suas fases mais críticas.

Atualmente, a maioria das lavouras se encontra em maturação, tendo já uma pequena porção de área colhida até o fim de maio.

Goiás: houve uma correção nas estimativas de área plantada em relação ao último levantamento. De maneira geral, o calendário de plantio das culturas de segunda safra foi afetado e estrangulado em comparação ao

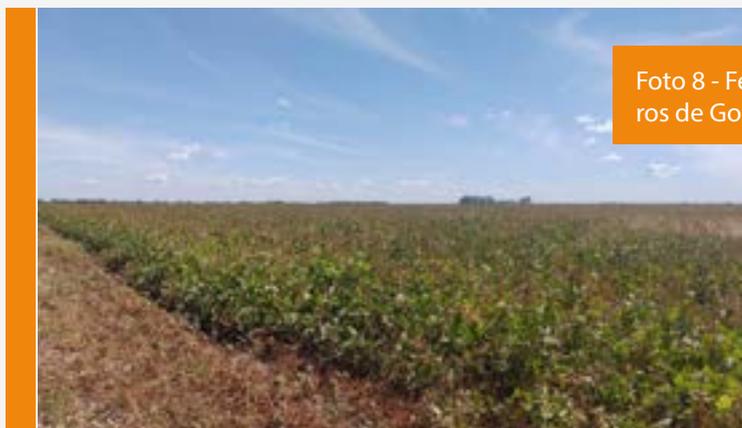


Foto 8 - Feijão-caupi segunda safra, maturação - Montes Claros de Goiás-GO

Fonte: Conab.

histórico local. Assim, algumas áreas que anteriormente seriam destinadas à semeadura de milho e sorgo, foram destinadas ao cultivo de feijão-caupi, aumentando a estimativa de área plantada, que tem um ciclo mais curto

e costuma ser mais tolerante ao estresse hídrico, comum às estações de outono e inverno no centro-oeste.

As lavouras em campo estão, majoritariamente, em maturação, visto que uma pequena parcela já começou a ser colhida. Mesmo com os baixos volumes de chuvas registrados nas últimas semanas, a cultura vem apresentando boas condições, com grãos de rendimento e qualidade satisfatórios.

Bahia: o mês registrou poucas chuvas nas regiões produtoras da cultura. Tal escassez pluviométrica preocupa o desenvolvimento das lavouras, embora o feijão-caupi tenha maior tolerância às restrições hídricas.

A maioria das lavouras se apresenta em fase de enchimento de grãos, requerendo maiores volumes de chuvas para manter o potencial produtivo da cultura.

Pernambuco: o ciclo vem apresentando boas condições climáticas no sertão do estado, especialmente no quesito das chuvas, que tem ocorrido em bons volumes e boa distribuição desde fevereiro. Isso possibilitou o estabelecimento das lavouras e um desenvolvimento adequado, até o momento, (se prevê incremento no rendimento médio em comparação com a temporada passada).

As previsões de aumento na produtividade média relativizam a redução na área plantada visualizada nesta safra em relação a 2022/23. Questões de mercado e de produção refletiu sobre essa diminuição de área. Contudo, a produção total esperada deverá ser superior àquela obtida na temporada anterior.

A colheita segue em andamento, com as demais lavouras em campo se apresentando já nas fases reprodutivas.

Tocantins: as lavouras manejadas em condição de sequeiro tiveram um plantio mais precoce e já se apresentam em estádios avançados do ciclo, principalmente maturação, até mesmo com pequena parcela de área colhida. As cultivares utilizadas nesse manejo são de ciclo mais curto e se aproveitou de um período com condições climáticas mais adequadas na maior parte do seu desenvolvimento.



Foto 9 - Feijão caupi segunda safra, enchimento de grãos - Marianópolis-TO

Fonte: Conab.

Já nas regiões de várzeas, que concentram o cultivo do feijão irrigado, o plantio é tradicionalmente mais tardio e ainda está em andamento neste exercício. A previsão é de incremento nessas áreas em comparação ao total semeado na temporada anterior, trazendo também aumento em relação à área total plantada com a cultura no levantamento passado. Isso se dá principalmente pela substituição de áreas que estavam inicialmente planejadas para a produção de soja irrigada, mas devido às reduções nos níveis de água nos rios

e reservatórios, fez com que muitos produtores optassem por uma cultura de ciclo mais curto e de menor demanda hídrica para não correr o risco de sofrer com a falta de aporte até o final da safra.

Maranhão: a semeadura está se consolidando, e há uma previsão de incremento na área plantada em relação a 2022/23, principalmente em substituição a cultivos de milho segunda safra, que possuem um ciclo mais longo e demandam maior quantidade de água, e que seriam mais adequados se plantados em uma janela ideal de semeadura, algo que não aconteceu neste ciclo por conta do atraso no início da estação chuvosa em algumas das regiões produtoras.

As lavouras mais precoces já iniciaram a colheita, mas ainda é algo pontual e incipiente, uma vez que a maior parte das áreas está com plantas em desenvolvimento vegetativo e floração. As condições gerais das lavouras são consideradas boas.

Paraíba: a janela de plantio é bem extensa, pois ocorre em regiões de clima variado dentro do estado. Assim, as primeiras áreas semeadas, principalmente as localizadas no Sertão, ali houve necessidade de replantio em algumas áreas por conta de severo ataque de lagartas, e no Vale do Piancó, já apresentam lavouras mais adiantadas no ciclo, até mesmo com colheita em andamento. Em contrapartida, na região da Zona da Mata e da Borborema, o plantio é tradicionalmente mais tardio, e para esse ciclo, o avanço das operações se deu mais no último mês, com uma maior regularidade das chuvas. Aliás, há estimativa de pequeno aumento na área plantada se comparada ao valor divulgado no levantamento passado, corroborando ainda mais para a expectativa inicial de crescimento na área total plantada no estado em relação ao observado em 2022/23.

A condição geral das lavouras em campo é boa, embora o excesso de chuvas em algumas das regiões produtoras preocupe, especialmente para as plantas que estão nas fases reprodutivas e na iminência de colheita, podendo influir sobre o potencial produtivo e a qualidade dos grãos. Vale ressaltar que boa parte das áreas é manejada em cultivo consorciado, principalmente com o milho.

Piauí: as condições climáticas são fatores preponderantes na decisão de plantio das culturas de segunda safra no estado. A ocorrência de chuvas no período nem sempre é característico, tendo anos com médias importantes e outros com completa escassez. Para esse ciclo o cenário se mostrou instável no início da safra, com precipitações irregulares, mas que ainda assim



Foto 10 - Feijão-caupi segunda safra, maturação - Baixa Grande do Ribeiro-PI

Fonte: Conab.

fizeram os produtores optarem pelo cultivo do feijão-caupi em detrimento de outras culturas, como o milho, principalmente em razão da boa demanda pelo produto, pelas condições de mercado favoráveis à leguminosa neste momento e também pela sua maior tolerância às restrições hídricas. Assim, houve estímulo para o plantio da cultura, apresentando expressivo crescimento na área semeada em comparação à temporada passada e ao divulgado em levantamentos anteriores.

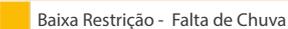
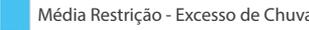
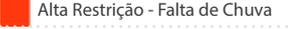
Ao final de maio, as operações de plantio já estavam finalizadas, e as lavouras seguiam em plena evolução, com muitas delas já em estádios reprodutivos do ciclo. As condições gerais eram consideradas boas, e a previsão é de início da colheita nos próximos dias.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva
			 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
TO	Ocidental do Tocantins	3,05			S/E	DV/F	EG/M	EG/M	M/C
	Oriental do Tocantins	0,53			S/E	DV/F	EG/M	EG/M	M/C
MA	Sul Maranhense	0,75			S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M	M/C
	Noroeste Cearense	2,10		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
CE	Norte Cearense	1,29		S/E	E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertões Cearenses	2,66		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
RN	Jaguaribe	0,81		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Cearense	1,00		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PB	Oeste Potiguar	0,70		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertão Paraibano	0,85		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
PE	Agreste Paraibano	0,97		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sertão Pernambucano	1,57		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MT	Agreste Pernambucano	0,72		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte Mato-grossense	7,04		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Nordeste Mato-grossense	0,73		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Mato-grossense	1,31		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	

Continua

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
	Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão segunda safra - Safra 2023/24						
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,87			S/E	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	M/C
GO	Leste Goiano	1,18		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul Goiano	1,85		S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Norte de Minas	0,83		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,02		S/E	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Central Mineira	0,53		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste de Minas	1,35		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Sul/Sudoeste de Minas	2,23		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Campo das Vertentes	2,27		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
SP	Zona da Mata	0,79		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
	Bauru	0,68		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	
	Assis	0,56		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	
	Itapetininga	2,04		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	
	Centro Ocidental Paranaense	0,58	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
	Norte Pioneiro Paranaense	0,55	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro Oriental Paranaense	7,34	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	
PR	Oeste Paranaense	1,45	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudoeste Paranaense	13,91	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Centro-Sul Paranaense	10,04	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Sudeste Paranaense	6,24	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	1,37	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Oeste Catarinense	3,48	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	
RS	Noroeste Rio-grandense	3,15	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (*) todo ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

FEIJÃO TERCEIRA SAFRA 2023/24

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - FEIJÃO TERCEIRA SAFRA – 2023/24

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	577,8	1.062	613,8
2018/19	581,0	1.253	728,0
2019/20	588,8	1.481	872,1
2020/21	567,8	1.373	779,6
2021/22	530,6	1.333	707,2
2022/23	516,0	1.559	804,4
2023/24	mai/24	548,0	798,7
	jun/24	493,0	778,9

Fonte: Conab.

FEIJÃO-COMUM CORES

Bahia: o cultivo se concentra no nordeste do estado e costuma apresentar uma destinação significativa de área. Para este ciclo, a expectativa ainda é de uma área considerável, mas há estimativa de expressiva redução na área total plantada em comparação a 2023, principalmente por conta de alguns fatores limitantes, como o quesito fitossanitário, recorrente incidência de mosca-branca e de doenças fúngicas como a antracnose na região, e as questões de mercado, com forte concorrência com o cultivo do milho, que tem apresentado boa rentabilidade.

Cerca de 50% da área prevista já havia sido plantada até o final de maio, com perspectiva de avanço considerável das operações, caso as condições climáticas estejam favoráveis. As lavouras implantadas estão, majoritariamente, em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentando bom aspecto fitossanitário.

Mato Grosso: ainda não houve início da semeadura, mas já há preparo dos solos para começar as operações nas próximas semanas.

Pernambuco: as precipitações têm ocorrido com melhor regularidade e distribuição ao longo do ciclo no Agreste do estado, algo que deverá refletir sobre o potencial produtivo da cultura. De maneira geral, as lavouras se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo e mostram bom vigor.

Minas Gerais: no noroeste do estado, onde se concentra a maior área de produção da cultura nesta terceira safra, os produtores atrasaram estrategicamente o plantio com o intuito de observar uma menor pressão de mosca-branca, favorecida pela redução nas temperaturas. Mas, mesmo com essa postergação, o plantio já foi concluído na região, restando apenas

algumas áreas a serem semeadas nas demais regiões produtoras do estado. A estimativa geral é que haja crescimento na área destinada ao plantio nesta temporada em comparação à temporada anterior. Os preços pagos pelo produto e as condições climáticas consideradas adequadas nesse início de ciclo fomentam essa expansão da cultura.

As lavouras já implantadas se encontram em boas condições, até o momento, sem registros de maiores intercorrências. Contudo, há preocupação com a escassez de chuvas e uma eventual redução nos níveis de água dos reservatórios, podendo inviabilizar a demanda dessas culturas irrigadas ao longo de todo seu ciclo.

Goiás: a semeadura avançou durante maio, porém ainda em ritmo aquém do esperado em razão das condições climáticas. Os produtores aguardavam temperaturas mais amenas para evitar pressão de mosca-branca. Muitas áreas que anteriormente estavam com o cultivo de soja traziam alta incidência do inseto e poderiam ser um reservatório que posteriormente migrariam ao feijão.

Aliás, com essa redução nas temperaturas a partir da segunda quinzena de maio, houve melhor evolução das lavouras, especialmente as que estavam em fases reprodutivas, evitando perdas como abortamento das flores e vagens. Também se teve menor taxa de evapotranspiração da cultura e isso minimiza o uso de irrigação complementar.

Alagoas: a semeadura está em andamento, com maiores avanços principalmente nas regiões do Agreste e da Zona da Mata, por conta das chuvas mais regulares e mais distribuídas, se comparadas ao Sertão alagoano, principal região produtora da cultura no estado. No último mês as chuvas começaram a incidir na região do Sertão, e as primeiras áreas

iniciaram o plantio, porém o ritmo das operações deve ser maior a partir de junho.

Das lavouras já implantadas, percebem-se boas condições gerais, com as plantas estando entre os estádios de emergência e desenvolvimento vegetativo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

Pernambuco: houve pequeno ajuste nas estimativas de área plantada, acarretando leve diminuição em relação ao valor divulgado no levantamento passado. Já para as condições de campo, observou-se que as precipitações vêm ocorrendo com boa regularidade e distribuição no Agreste do estado, algo que poderá refletir sobre o potencial produtivo da cultura. De maneira geral, as lavouras se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo e mostram bom vigor.

Paraíba: o plantio já está praticamente finalizado. Trata-se de uma cultura semeada essencialmente na região litorânea e que nesse ciclo foi bastante impulsionada pela estabilização das chuvas no último mês.

As lavouras já implantadas estão classificadas entre boas e regulares, com a maioria delas nas fases fenológicas de desenvolvimento vegetativo e floração.

FEIJÃO-CAUPI

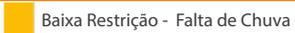
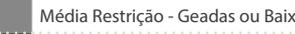
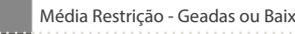
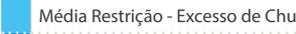
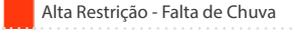
Pernambuco: as operações de semeadura estão em andamento, e as lavouras já implantadas seguem em pleno desenvolvimento vegetativo, apresentando, no aspecto geral, boas condições. As chuvas vêm ocorrendo em bom volume, potencializando essa evolução inicial das lavouras.

Bahia: as chuvas reduziram em relação a abril, mas elas ocorreram e foram importantes para o avanço do plantio e para o desenvolvimento inicial das lavouras implantadas. Aproximadamente metade da área prevista estava semeada ao final de maio, visto que há uma expectativa de leve redução no total plantado em comparação à temporada passada.

Alagoas: tal cultivo se concentra na região centro-leste do estado, costumando ocupar áreas de renovação de cana-de-açúcar, e também em áreas do Sertão alagoano. As primeiras estimativas apontam para redução na área semeada em comparação ao ano passado, principalmente por ser uma cultura de rotação.

As operações de semeadura ainda estão em andamento, e as lavouras já implantadas vêm apresentando bom desenvolvimento, até o momento.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva
			Baixa Restrição - Excesso de Chuva
			Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva
			Média Restrição - Excesso de Chuva
			Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva
			Alta Restrição - Excesso de Chuva
			Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2023/24					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PE	Agreste Pernambucano	2,82	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C
BA	Nordeste Baiano	3,23	S/E	E/DV	E/DV/F	DV/F	F/EG/M	M/C
MT**	Norte Mato-grossense	17,47			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C
	Sudeste Mato-grossense	1,44			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C
GO**	Noroeste Goiano	5,80	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	1,76	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Leste Goiano	9,83	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
	Sul Goiano	7,92	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
DF**	Distrito Federal	1,54	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C
MG**	Noroeste de Minas	17,37	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	2,32	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

UF	Mesorregiões	Produção* %	Feijão terceira safra - Safra 2023/24					
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
SP**	Ribeirão Preto	1,77	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	6,08	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Campinas	1,10	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	9,94	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita; (**) Total ou parcialmente irrigado.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

ANÁLISE DE OFERTA E DEMANDA

FEIJÃO-COMUM CORES

No mercado atacadista de São Paulo, a entrada regular do produto e a ausência de mercadoria de qualidade limitaram o número de compradores, registrando-se poucas negociações. A maior parte da mercadoria ofertada é constituída de lotes com grãos mais escuros nota 8 para baixo, miúdos, com elevado grau de umidade, manchas etc., e com baixo interesse de compra pelos empacotadores. A preferência da demanda esteve focada nas mercadorias extras ou especiais, mas muitos compradores, sem alternativas, e devido às cotações mais elevadas dos referidos produtos, acabaram optando pelos tipos inferiores, em vista das dificuldades encontradas no giro das mercadorias mais caras.

A saca do produto extra novo, nota 9, está cotado entre R\$ 270 e R\$ 300 a saca de 60 quilos para as sementes IAC 2051/Agronorte/DAMA, e R\$ 180 e R\$ 220 para os feijões sabiá/campos gerais, apresentando uma expressiva diferença de preços em relação aos demais tipos. Esta oscilação de valores deve-se à boa demanda frente à pouca oferta do grão sem defeitos e boa umidade. Já para os lotes de mercadoria comercial, com elevada umidade, dentre outros defeitos, as cotações seguem pressionadas para baixo e sem interesse pelos compradores. Os feijões da safra anterior seguem entre R\$

130 e R\$ 160 a saca de 60 quilos.

Convém esclarecer que o padrão de mercadoria especial e extra começará a ser colhido em pequenas quantidades a partir de julho, nas regiões do entorno de Brasília, do noroeste de Minas Gerais e do interior de São Paulo, e provavelmente passará a ter uma boa procura no mercado devido à necessidade de reposição de uma mercadoria mais nova, clara e de boa aparência na embalagem, para atender aos consumidores mais exigentes da capital paulista.

Com relação aos preços recebidos pelos produtores foram verificadas pequenas reduções nos estados do Sul e Nordeste do país. Na Região Sudeste, as cotações seguem o mesmo comportamento para os tipos mais fracos, mas se mantendo para os melhores padrões. Muitos negociantes estiveram reticentes nas negociações, preferindo aguardar para o início de julho.

A expectativa dos agentes de mercado para junho é de redução dos preços à medida que vai avançando a colheita na Região Centro-Sul do país. Assim, diante deste quadro, os compradores estão mais precavidos, adquirindo pequenos lotes ou buscando algum diferencial de preço nas fontes de produção.

A tendência, no momento, é de preços mais em conta, com a intensificação da colheita, pois os empacotadores estão adquirindo apenas o necessário para honrar os seus compromissos, haja vista às dificuldades encontradas no repasse de preços ao setor varejista e este aos consumidores. No entanto, não é de se esperar quedas tão bruscas de preços devido ao apertado quadro de oferta.

Na Região Centro-Sul, a colheita da segunda safra segue a todo o vapor. No Paraná, maior estado produtor, o clima frio e seco está permitindo o avanço da colheita, que atinge 95% da área plantada, e 60% da produção foi comercializada pelos produtores. Em Minas Gerais, cerca de 30% já foi colhido, e as lavouras em maturação se beneficiam do clima, enquanto que as lavouras em enchimento de grãos e florescimento apresentam perdas por restrição hídrica. Quanto à terceira safra, ou safra de inverno, as áreas irrigadas começam a ser colhidas em julho e, posteriormente, as conduzidas no regime de sequeiro.

A produção estimada para as Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, na segunda safra, é de 572,5 mil toneladas, o que corresponde a 4 meses de consumo, ou seja, quantidade suficiente para atender ao abastecimento interno até agosto, quando começa a ser colhida com maior intensidade a safra de inverno. Esse volume, pouco inferior ao obtido em 2023, está contribuindo para segurar os preços do produto, em especial em maio e junho, onde ocorrem as maiores ofertas na zona cerealista de São Paulo, quando o Paraná e Minas Gerais se destacam como principais fornecedores.

Contudo, tomando-se como parâmetro o quadro de suprimento, não é de se esperar quedas tão bruscas de preços, vez que o volume total disponível para alcançar a primeira safra da próxima temporada, 2024/25, talvez não seja suficiente para manter a contento o abastecimento interno, a não ser que o consumo caia ainda mais.

FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, a expectativa natural era de queda nas cotações em virtude da intensificação da colheita no Paraná. Contudo, os preços

seguem firmes em razão, basicamente, da forte valorização do dólar, que propiciará possíveis negócios para exportação. Cabe mencionar que desde o ano passado, o preço do produto na fronteira com a Argentina está entre US\$ 800 e US\$ 850 a tonelada.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes para atrair os consumidores. Diante desta situação, muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já estão no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

SUPRIMENTO

Para a temporada em curso, 2023/24, prevê-se o seguinte: a produção da primeira e segunda safras, apurada no levantamento de campo, realizado em maio de 2024, pela Conab, mais as previsões para a terceira safra, chegam em um volume médio de produção estimado em 3,3 milhões de toneladas, 9,7% acima da anterior.

Em se tratando da balança comercial, de janeiro a dezembro de 2023, foram importadas 69 mil toneladas, isto é, 7,1 mil toneladas a menos que os números registrados no mesmo período de 2022. Já as exportações atingiram, no mesmo período, 139 mil toneladas, 2,9 mil toneladas acima das 136,1 mil toneladas registradas no ano anterior. Mato Grosso é o maior exportador de feijão, com 55% dos embarques realizados. A Índia comprou 41%, Egito, com 11%, e Vietnã, com 10%.

Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 325 mil toneladas, o consumo em 2.850 milhões de toneladas, as importações em 50 mil toneladas e as exportações de 150 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 706,3 mil toneladas, volume que deverá contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento interno.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2017/18	322,8	3.116,1	81,1	3.520,0	3.050,0	162,7	307,3
2018/19	307,3	3.017,7	150,8	3.475,8	3.050,0	166,1	259,7
2019/20	259,7	3.222,1	113,6	3.595,4	3.150,0	176,7	268,7
2020/21	268,7	2.893,8	83,1	3.245,6	2.893,8	223,7	128,1
2021/22	128,1	2.990,2	76,1	3.194,4	2.850,0	136,1	208,3
2022/23	208,3	3.036,7	69,0	3.314,0	2.850,0	139,0	325,0
2023/24	mai/24	325,0	3.325,7	50,0	3.700,7	2.850,0	700,7
	jun/24	325,0	3.331,3	50,0	3.706,3	2.850,0	706,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2024.

Estoque de passagem - 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

20.837,6 mil ha

-6,4%

PRODUTIVIDADE

5.478 kg/ha

-7,5%

PRODUÇÃO

114.144,3 mil t

-13,8%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

MILHO PRIMEIRA SAFRA

TABELA 11 - MILHO PRIMEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2017/18	5.082,1	5.275	26.810,7
2018/19	4.103,9	6.249	25.646,7
2019/20	4.235,8	6.065	25.689,6
2020/21	4.348,4	5.686	24.726,5
2021/22	4.549,2	5.501	25.026,0
2022/23	4.444,0	6.160	27.373,2
2023/24	mai/24	3.995,4	23.490,0
	jun/24	4.029,9	23.624,4

Fonte: Conab.

A colheita do cereal alcançou 81,6% da área semeada e deve ser finalizada no final de julho. Na maioria dos estados houve redução da produtividade em relação à safra passada devido às instabilidades climáticas. Uma das exceções foi o Rio Grande do Sul, apresentando uma recuperação na produtividade significativa, que infelizmente foi reduzida devido aos extremos climáticos ocorridos no estado, nas últimas semanas.

Nesta safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 4.029,9 mil hectares, 9,3% inferior ao registrado na safra passada. A produção esperada é de 23.624,4 mil toneladas, 13,7% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: assim como a semeadura, a colheita da cultura também ocorre de forma escalonada. Em maio, após a conclusão das lavouras consideradas da safra, a operação evoluiu lentamente nas áreas de safrinha em razão da necessidade dos produtores em realizar a colheita da soja, deixando a colheita do cereal para após a conclusão da colheita da oleaginosa.

Assim, no último mês o incremento de área colhida foi de apenas 10 pontos percentuais, alcançando 93% da área semeada, mesmo com várias áreas estarem em maturação e prontas para serem colhidas. Além da opção dos agricultores em priorizar a colheita da soja, as condições climáticas de maio também inviabilizaram um avanço mais expressivo da colheita do cereal.

Além de prejudicar o avanço da colheita, as chuvas volumosas, os dias nublados, as tempestades acompanhadas de ventos e a manutenção da umidade do ar em índices elevados causaram a quebra do colmo de plantas e a degradação qualitativa e do peso dos grãos. A produtividade das lavouras da safrinha, tradicionalmente menores, ficaram ainda piores. Assim, diminuímos a expectativa de produtividade média da cultura para 6.031 kg/ha.

Paraná: ocorreu uma redução de produtividade desta cultura, principalmente, porque: muitas lavouras tiveram temperaturas muito altas, aliadas a períodos de deficit hídrico, o que aumentou a evapotranspiração, assim,

provocando estresse às plantas; excesso de chuva durante as fases iniciais da cultura, o que conseqüentemente lixiviou os fertilizantes, em especial nitrogênio e potássio, bem como impediu ou atrapalhou as aplicações de fertilizantes em cobertura; o ataque da praga cigarrinha, que provocou complexos de enfezamento e a ocorrência de doenças, como *Fusarium moniliforme*, *Diplodia maydis*, e bacterioses.

Santa Catarina: a colheita está praticamente concluída na Serra e Planalto Norte, no entanto, ela continua sendo operacionalizada em pequenas propriedades, principalmente no Planalto Sul, devendo ser concluída nos últimos dias de maio. O grão apresenta boa qualidade, porém com baixo peso específico devido às condições climáticas do início da safra, como excesso de chuvas, que atrasaram o plantio e dificultaram os tratos culturais, perda de nutrientes, muitos dias nublados, que reduziram a fotossíntese e, conseqüentemente, a redução do potencial produtivo.

Os rendimentos gerais obtidos são bem variáveis, conforme o período de plantio e às cultivares utilizadas. Já nas regiões oeste e meio oeste a colheita está encerrada. De modo geral, o rendimento apresentou redução de 3,2% em relação ao obtido na safra passada, em conseqüência das instabilidades climáticas ocorridas durante o plantio e desenvolvimento da cultura, e ficou em 7.900 kg/ha.

Minas Gerais: a colheita do milho verão está prestes a ser finalizada no estado, restando apenas 5% das áreas ainda a serem colhidas. O plantio foi escalonado devido às condições climáticas, principalmente no período ideal de plantio, com o produtor sendo obrigado a replantar lavouras fora do período ideal e, em casos extremos, a abandonar o cultivo de primeira safra. Essa prática alongou todo o ciclo da cultura no estado e acumulou perdas às lavouras.

Com isso, houve cenários distintos no estado, dependendo da região. Em linhas gerais, o estado deve produzir aproximadamente 3.911,8 milhões de toneladas do cereal nesta safra, 24% menor que o registrado na safra anterior, e a produtividade deve alcançar 5.718 kg/ha para o estado. Esse valor representa uma redução de 13,2% em relação à safra anterior. Com relação ao levantamento anterior, tivemos uma revisão de área, com uma correção de 1,8% a maior

São Paulo: a falta de chuva durante o período vegetativo e as altas temperaturas foram altamente prejudiciais para o milho que foi plantado durante setembro e na primeira quinzena de outubro. Este cereal semeado antecipadamente sofreu longo período de estresse hídrico, além da presença intensa da cigarrinha, o que impactou negativamente no potencial produtivo, resultando em nova redução na produtividade estimada. A colheita já foi encerrada.

Goiás: as condições em maio foram ideais para a redução da umidade dos grãos na lavoura. A colheita avançou durante o mês, podendo ser finalizada até o final de maio. Durante o ciclo das lavouras, as precipitações ocorridas foram benéficas para a cultura. Apenas algumas localidades do leste do estado, onde as chuvas foram irregulares, causaram diminuição de produtividade. Mesmo assim, é esperado a colheita de 9.506 kg/ha, 2% superior à obtida na última safra.

Mato Grosso do Sul: o período caracterizou-se pela conclusão das operações de colheita, uma vez que as lavouras mais atrasadas se encontravam no extremo-norte estadual, as quais apresentaram produtividades acima dos valores que vinham sendo estimados, gerando recuperação da média estadual final quando comparada com o levantamento anterior, agora estimada em 9.450 kg/ha.

Distrito Federal: as lavouras de primeira safra estão totalmente colhidas e apresentaram grãos de boa qualidade. A área plantada no atual exercício foi de 15,5 mil hectares, redução de 3,7% se comparada com a safra anterior, e a produtividade média obtida foi de 8.900 kg/ha.

Bahia: as lavouras estão em fase de maturação e colheita, que deve se estender até meado de junho, no oeste. O cultivo de sequeiro apresentou qualidade regular, contudo inferior à safra passada, sobretudo no centro-sul. O plantio fora da janela ideal, o atraso da chuva e as pragas limitaram o desenvolvimento das lavouras, no entanto o prolongamento da estação chuvosa favoreceu a cultura na fase de enchimento de grãos. Como previsto, a produtividade obtida é inferior à safra passada, mas os grãos colhidos apresentam boa qualidade.

Piauí: nesta safra, a semeadura iniciou com atraso em relação à safra anterior e confirmando as estimativas iniciais de redução de área. Embora tenha se verificado o atraso no plantio, sobretudo na região norte e deficit hídrico em algumas áreas no estabelecimento da cultura, as lavouras se desenvolveram em boas condições, na sua maioria. A colheita foi iniciada no final de abril e continua avançando normalmente, confirmando as boas estimativas iniciais de produtividade.



Foto 11 - Lavoura de milho 1ª Safra maturação - Uruçuí-PI

Fonte: Conab.

Maranhão: a primeira safra de milho teve o plantio realizado entre novembro de 2023 e fevereiro de 2024. As lavouras se encontram nos estágios fenológicos de enchimento de grãos, maturação e colheita, em boas condições gerais. A colheita foi iniciada no final de abril e maio, e a cultura alcançava cerca de 20% da área cultivada no estado, principalmente na região sul do estado.

Na região sul, maior região produtora do estado, a semeadura ocorreu entre novembro e janeiro de 2024, após o plantio da soja. Nessa região, devido ao atraso do início do regime de chuvas, além dos preços baixos do produto, muitos produtores tradicionais desistiram do plantio de milho primeira safra, dando preferência a substituir estas áreas por áreas de soja, causando redução das áreas de cultivo da primeira safra de milho. No entanto, as áreas cultivadas apresentaram boas condições e bons resultados produtivos na colheita que está em andamento. Na região oeste o plantio foi efetuado entre a segunda quinzena de dezembro e fevereiro de 2024. Nessa região, na presente safra, foi observado aumento de áreas dos municípios de Açailândia, Bom Jesus das Selvas, Buriticupu, Itinga do Maranhão e Santa Luzia, municípios tradicionais do cultivo de milho. A colheita dos grãos foi iniciada aos poucos, em maio, e vai prosseguir até agosto.

Na região de Chapadinha e do Baixo Parnaíba Maranhense, no leste do estado, assim como na região sul do estado, produtores relataram aumento significativo de ataques de lagartas nas plantas de milho, até mesmo em materiais resistentes a essa praga, o que aumentou o custo com a aplicação de inseticidas. Para a safra 2023/24, a área de plantio foi de 290,3 mil hectares, uma redução de 4,8% em comparação à safra anterior devido à substituição de área de milho para plantio de soja, no sul do estado, e dos baixos preços praticados na presente safra.



Foto 12 - Milho primeira safra - Maturação - Grajaú-MA

Fonte: Conab.

Tocantins: o clima quente e seco vem contribuindo para o avanço da colheita no estado. Na região leste do estado, os produtores destinaram áreas para realizar apenas o cultivo do milho safra. Apesar do clima instável, ocorrido na implantação da lavoura, a regularização das precipitações após a segunda quinzena de dezembro contribuiu para o bom desempenho da cultura.

Pará: a colheita está praticamente finalizada, e as precipitações elevadas, nas principais praças produtoras, contribuíram para a elevação de grãos ardidos e conseqüentemente diminuição da qualidade dos grãos. Mesmo assim ainda é esperado rendimento similar ao obtido na última safra.

Acre: no cultivo do milho de primeira safra, que representa a maior área no estado, ocorreram situações climáticas adversas devido ao fenômeno El Niño, prejudicando o estabelecimento inicial da cultura. Entretanto, a partir de dezembro as precipitações se regularizaram, favorecendo o plantio e o desenvolvimento da cultura. Devido ao alto volume de chuvas ocorridas em fevereiro, as operações de colheita foram adiadas. No entanto, em março e abril o volume de chuvas foi inferior aos meses anteriores, possibilitando o

início da colheita. As áreas de cultivo de milho da safra de verão se encontram 100% colhidas.

Rondônia: as chuvas regulares e bem distribuídas, depois de um início de safra de escassez hídrica e temperaturas elevadas, proporcionaram o bom desenvolvimento das lavouras implantadas. Na região mais ao sul, as áreas cultivadas puderam contar com precipitação desde o plantio, enquanto na região centro/norte essa regularidade veio tardia, mas de certa forma frequente e, com isso, a produção não experimentou perdas significativas.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica					
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense	1,28					S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M/C			
TO	Ocidental do Tocantins	0,87				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
	Oriental do Tocantins	0,84				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C
MA	Oeste Maranhense	1,29					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Leste Maranhense	0,49					S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Sul Maranhense	3,68				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Sudoeste Piauiense	7,57				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	5,89				S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense	0,91				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Centro Goiano	0,82					S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C		
GO	Leste Goiano	1,70				S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Sul Goiano	3,13				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
DF	Distrito Federal	0,48				S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Norte de Minas	0,74			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	8,02			S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	C		
	Oeste de Minas	1,72			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	4,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes	2,27			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata	0,60			S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG/M	EG/M	M/C	C			

Continua

Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho primeira safra - Safra 2023/2024											
			AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SP	São José do Rio Preto	0,82			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Ribeirão Preto	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Bauru	1,17			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campinas	1,77			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Itapetininga	2,14			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista	0,79			S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PR	Norte Pioneiro Paranaense	0,58		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense	2,62		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense	0,66		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense	3,22		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense	1,74		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba	2,03		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	4,50		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense	1,15		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana	1,53		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Vale do Itajaí	0,82		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul Catarinense	0,67		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	RS	Noroeste Rio-grandense	6,85	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C	
Nordeste Rio-grandense		1,63		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
Centro Ocidental Rio-grandense		0,46	S/E	S/E/DV	S/E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C		
Centro Oriental Rio-grandense		1,07		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	M/C	C		
Metropolitana de Porto Alegre		0,73		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
Sudoeste Rio-grandense		0,81		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C		
Sudeste Rio-grandense	0,83		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA

TABELA 12 - MILHO SEGUNDA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	12.878,0	5.682	73.177,7
2019/20	13.755,9	5.456	75.053,2
2020/21	14.999,6	4.050	60.741,6
2021/22	16.369,3	5.247	85.892,4
2022/23	17.179,6	5.948	102.179,0
2023/24	mai./24	5.388	86.155,1
	jun./24	5.455	88.116,1

Fonte: Conab.

A colheita da segunda safra de milho teve seu início em maio, e já ocorre nos principais estados produtores. Os resultados alcançados mostram a disparidade das condições climáticas ocorridas nas diversas Unidades da Federação.

Em Mato Grosso, Pará, Tocantins e parte de Goiás, as precipitações bem distribuídas ao longo do desenvolvimento da cultura e a tecnologia usada pelo produtor têm resultado em boas produtividades nos talhões colhidos e boas perspectivas nas áreas ainda em maturação.

Já em Mato Grosso do Sul, São Paulo e parte do Paraná, a redução e/ou falta de precipitações durante longos períodos no ciclo da cultura provocaram quedas no potencial produtivo da cultura.

Nas demais regiões produtoras, as lavouras apresentam bom desenvolvimento, com a maioria delas já no estágio de maturação.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 16.152,7 mil hectares, 6% inferior ao registrado na última safra. A produção esperada é de 88.116,1 mil toneladas, 13,9% inferior ao obtido no último ciclo de cultivo.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita do milho foi iniciada no estado, devendo ganhar mais ritmo a partir da segunda quinzena de junho. A performance inicial se mostra bem promissora e deve permanecer em alta na maioria das lavouras mato-grossenses ao longo da colheita, considerando que boa parte delas foram semeadas dentro do período ideal, além do emprego de pacote tecnológico de médio a alto rendimento. Quanto às principais pragas e doenças da cultura, seguem sendo monitoradas e contidas dentro da normalidade. Os estádios de enchimento de grãos e maturação são predominantes nos milharais das principais regiões produtoras.

Paraná: ocorreram deficit hídricos em diversos municípios localizados no extremo-oeste do Paraná e nas porções noroeste e norte desse estado, somados às altas temperaturas, provocaram perdas do potencial produtivo em muitas lavouras. Ressalta-se que, apesar do aumento recente do volume de chuvas, elas chegaram tardiamente e não conseguiram reverter o cenário de redução da produtividade, que sofreu nova queda neste levantamento e agora é estimada em 5.455 kg/ha.



Foto 13 - Milho 2ª safra - Enchimento de grãos - São Salvador-PR

Fonte: Conab.

Mato Grosso do Sul: as previsões climatológicas relatadas no último levantamento concretizaram-se, sendo constatado aproximadamente 40 dias de seca, visto que em 20 deles com presença de altas temperaturas, vento constante e seco por todo o estado. Essa situação causou requeima de plantas em talhões semeados tardiamente, espigas de tamanho reduzido naquelas que floresceram no período, bem como diminuiu o peso de grãos nas lavouras mais adiantadas. A chuva só retornou em 24 de maio, em volumes médios, próximos de 50 mm e abrangeram somente as regiões sudoeste e leste.

Quanto mais ao norte do estado, melhores são as condições das lavouras, por serem semeadas no início da janela ideal e não terem passado pelos estresses hídricos, uma vez que praticamente não se constata perda produtiva no extremo, na região de Chapadão do Sul e Costa Rica. Já o entorno de Campo Grande, todo o Sudoeste, Leste e pantanal, as lavouras foram fortemente afetadas, com talhões contendo espigas com “chupetas”, de tamanho reduzido e em algumas áreas sem formação de espigas, o que inviabilizará a colheita destas. Diante desse quadro, a chuva do final de maio terá benefício apenas no peso dos grãos, visto que as plantas de milho não possuem capacidade compensatória do tamanho das espigas. Perante este clima severo, muitos produtores abandonaram os tratamentos fitossanitários, gerando elevação populacional de cigarrinhas, sendo verificado alto número de plantas com sintomas de enfezamento. Pelos motivos acima citados, a produtividade esperada foi reduzida para 4.265 kg/ha.



Foto 14 - Milho 2ª safra - Colheita - Laguna Caarapã-MS

Fonte: Conab.

Foto 15 - Milho 2ª safra afetado pela seca - Dourados-MS



Fonte: Conab.

Goiás: áreas pontuais no estado já estão sendo colhidas, enquanto a maior parte aguarda redução da umidade do grão para iniciar as operações. O fato é que, durante maio, não ocorreram chuvas, de modo que as lavouras encurtaram seu ciclo.

No oeste, as áreas semeadas inicialmente, que correspondem principalmente a áreas irrigadas sob pivô central, começaram a ter os primeiros talhões

colhidos recentemente, entretanto essas áreas ainda são bastante incipientes. As demais áreas já estão em fase avançada de desenvolvimento reprodutivo, e a sua maioria se desenvolveu em boas condições climáticas, devendo render boas produtividades médias. Alguns municípios relataram focos de enfezamento, devido ao ataque de cigarrinhas, porém de maneira isolada.

No sudoeste, as lavouras se encontram em fases finais de ciclo, com cerca de 40% em enchimento de grãos e 60% em maturação. Os impactos do corte abrupto nas chuvas e a estiagem, que já dura cerca de 30 dias ou mais na região, não exerceram grande impacto negativo nas condições das lavouras, uma vez que grande parte delas já se encontravam em estádios avançados de enchimento de grãos quando a interrupção das precipitações ocorreu. Ainda assim, aquelas lavouras plantadas fora da janela ideal de plantio e que ainda necessitavam de novas precipitações, vêm sofrendo os efeitos da restrição hídrica e não devem alcançar produtividades satisfatórias. Estima-se que 6% das áreas tenham sido semeadas em março, na região. Aproximadamente 90% das lavouras são reportadas em boas condições, 8% em condições regulares e apenas 2% em condições ruins.

Na região sul, aproximadamente 72% das áreas estão em enchimento de grãos e 28% em início de maturação. Algumas áreas já estão sendo colhidas, enquanto outras aguardam redução da umidade de grãos para iniciar as operações. As condições fitossanitárias, no geral, são boas, em vista do manejo atento dos produtores, de modo que não são esperadas baixas causadas pelo ataque principalmente da cigarrinha, com exceção de Piracanjuba, onde uma primeira avaliação apontava algo em torno de 30% de áreas afetadas pelo enfezamento.

Já no leste do estado, as lavouras se encontram em fases mais avançadas,

nos estádios de desenvolvimento, onde a maioria se divide em enchimento de grãos e maturação. Para as lavouras plantadas dentro do calendário ideal, até o fim de fevereiro, devem apresentar um bom rendimento. Já as lavouras plantadas após essa data há uma insegurança, quanto ao rendimento, visto que as chuvas foram mais escassas dessa data em diante.

No norte, devido à redução das chuvas, parte das lavouras que estão entrando na fase reprodutiva foram prejudicadas.

Devido ao corte das chuvas em maio, grande parte das áreas encurtaram o ciclo. São mais de 40 dias sem precipitações na maioria das regiões produtoras do estado, porém as maiores regiões produtoras, como o sudoeste goiano, encontram-se em fase final de ciclo, não sendo afetadas por esta escassez.

Distrito Federal: as lavouras de segunda safra se encontram predominantemente no estágio de maturação, apresentando excelente sanidade. A área semeada com a cultura foi reduzida em 12,5%, comparando com a safra anterior, motivada principalmente pelo atraso no plantio da primeira safra, e a produtividade média está estimada em 6.100 kg/ha.

Minas Gerais: desde os primeiros relatos do milho segunda safra apontamos as excelentes condições das lavouras semeadas na janela ideal de plantio. No entanto, com excesso de chuvas de março, parte dessas lavouras apresentou um desenvolvimento vegetativo excessivo, alcançando porte bastante elevado. Sendo assim, com a maturação dessas lavouras em curso, parte das plantas estão acamando, e a colhedora não conseguirá coletar esse milho tombado. Para não aumentar as perdas, por esse motivo, os produtores cogitam colher o milho safrinha com uma umidade próxima de 25%. Por outro lado, tanto o atraso no plantio da soja devido à irregularidade

das precipitações quanto o excesso das chuvas de março, alongou o período de semeadura do cereal, indo muito além da janela ideal. Logo, as lavouras semeadas no final da janela e, por óbvio, aquelas fora da janela, foram severamente afetadas pela seca que atingiu o estado desde o início de abril, e já apresentam espigas e grãos menores. As últimas precipitações significativas e abrangentes nas principais regiões produtoras ocorreram a mais de 45 dias. Somam-se a isso os danos em decorrência de problemas fitossanitários, que já relatamos anteriormente, tais como: cigarrinha, cercosporiose e bipolares. Isso posto, mesmo com a seca intensa, as lavouras mais velhas seguem sustentando a produtividade do estado, estimada em 5.527 kg/ha.

São Paulo: o plantio foi finalizado, e a maioria das áreas se encontram no estágio de enchimento de grãos e maturação. A irregularidade das precipitações, aliada a períodos de altas temperaturas, já comprometeu o desenvolvimento e potencial produtivo do milho no estado.

Bahia: nos últimos 30 dias houve registro de poucas precipitações, com acumulado inferior a 10 mm. A falta de chuva e alta luminosidade limitaram o desenvolvimento das lavouras de segunda safra em manejo de sequeiro

Paraíba: a estabilização das chuvas na Zona da Mata e Borborema permitiu a intensificação dos plantios no litoral. Até o final de maio, 81,4% da intenção total de plantio foi efetivamente semeada. A semeadura na Zona da Mata ocorre em momento posterior ao plantio no Sertão e Vale do Piancó.

Houve um ataque severo de lagartas em diversas culturas na fase de emergência, inviabilizando seu desenvolvimento e exigindo replantio, principalmente no Alto Sertão. Atualmente, as lavouras se encontram em

condições boas e regulares, mas com apontamentos de possíveis perdas. As fases fenológicas estão em 33,6% e 28,7%, para floração e enchimento de grãos, respectivamente, com o restante distribuído nas demais fases.

Maranhão: o plantio da segunda safra de milho, cujo cultivo ocorre predominantemente na região sul do estado, ocorreu entre o final de janeiro e o início de abril de 2024. As lavouras se encontram nos estádios de desenvolvimento vegetativo, floração e início de enchimento de grãos, e apresentam bom desenvolvimento. Ressaltamos que, em razão do atraso do início das chuvas para o plantio da soja e da consequente saída da janela ideal de plantio da segunda safra, houve comprometimento da semeadura desse cereal, tanto na região sul como nas áreas de plantio das regiões oeste, centro e leste do estado. Algumas áreas foram substituídas pelas culturas de sorgo e milheto, para obtenção de melhor colheita ou somente para utilização das culturas como cobertura do solo. Dessa forma, houve redução de área de milho segunda safra, que ficou estimada em 260,2 mil hectares, com redução de 14,5% em relação à safra passada.

Pernambuco: a semeadura da segunda safra de grãos no sertão pernambucano foi postergada até o estabelecimento de umidade suficiente no solo, o que ocorreu no início fevereiro. A falta de chuva em janeiro desestimulou o plantio de algumas áreas e deve resultar em leve dano produtivo nas lavouras semeadas nos primeiros dias do ano de 2024.

As lavouras semeadas no início da janela de plantio, primeira quinzena de janeiro, sofreram os efeitos do estresse hídrico. As semeadas a partir de fevereiro tiveram um bom desenvolvimento vegetativo e mostram ótimo potencial produtivo. Na microrregião do Araripe algumas áreas foram afetadas pelo excesso de chuvas, afetando o desenvolvimento da cultura em algumas localidades, principalmente nos municípios de Nascente e



Foto 16 - Milho 2ª safra - maturação - Bodoco-PE

Fonte: Conab.

Angelim. Neste levantamento, a maioria das áreas se encontravam em maturação e apresentavam bom desempenho.

Piauí: o plantio foi iniciado no final de fevereiro e finalizado no início de abril, confirmando uma redução significativa de área em relação às estimativas iniciais. Boa parte das lavouras se estabeleceram em boas condições, favorecida pelos níveis adequados de umidade do solo em grande parte da região produtora. Apesar de condições meteorológicas favoráveis na implantação da cultura, há nesta safra um problema sério de ataques de lagartas, com registro de alta infestação em muitas áreas e muita dificuldade de controle, com alguns produtores tendo que realizar até oito aplicações para o controle do inseto, situação que deve impactar no custo de produção do grão. As lavouras se encontram em enchimento de grãos, na sua maioria, e a estimativa é que se tenha uma produtividade inferior à da safra anterior,



Foto 17 - Lavoura de milho 2ª safra enchimento de grãos
- Sebastião Leal - PI

Fonte: Conab.

em virtude de deficit hídrico durante o enchimento de grãos, haja vista não ter sido registrado chuvas durante maio.

Tocantins: nos últimos 30 dias, o acumulado de chuvas ficou entre 20 mm e 30 mm em todo o estado. As lavouras entraram em maturação, e a colheita terá início no próximo mês. Foi uma safra com a ocorrência de alta pressão por lagartas na fase vegetativa, aumentando o número de aplicações de defensivos.

Pará: a colheita terá seu início na primeira quinzena de junho nas regiões de Redenção e Br-163. As condições de campo foram boas, e o clima se ajustou bem nos estádios de desenvolvimento das lavouras. Na região intermediária de Santarém, maior produtora do estado, o plantio encerrou há pouco tempo, e as chuvas se mantêm firmes na irrigação das lavouras. Na região intermediária de Marabá, Castanhal e Belém, as lavouras apresentam bom desenvolvimento. No entanto, no polo Paragominas, muitas áreas se encontram no estágio de desenvolvimento vegetativo e com a janela de chuvas se encerrando em junho, conforme o histórico da região, essas

lavouras podem vir a não completar o seu ciclo. A área estimada de cultivo nesta safra é de 303,8 mil hectares.

Rondônia: as chuvas regulares e bem distribuídas em todo o estado têm proporcionado um bom desenvolvimento das lavouras implantadas desta cultura. É esperado que a dinâmica climática dos anos anteriores se repita durante o estágio de maturação dos grãos, para garantir uma boa produção e que não dificulte as atividades da colheita.

Na região mais ao sul, as áreas de substituição da safra, quase a sua totalidade, já estão em franco desenvolvimento reprodutivo, com lavouras apresentando os estádios de enchimento e maturação, enquanto na região centro/norte ainda encontramos lavouras em floração, mas a maioria em enchimento e maturação de grãos e, com isso, temos as lavouras bem estratificadas.

Acre: apesar do atraso do plantio em algumas regiões, o milho segunda safra apresenta bom desenvolvimento na maioria do estado. Devido ao escalonamento do plantio, encontramos lavouras desde o estágio de desenvolvimento vegetativo até áreas que estão sendo colhidas. As lavouras



Foto 18 - Milho 2ª safra - enchimento de grãos - Plácido de Castro-AC

Fonte: Conab.

semeadas na janela ideal apresentam bom potencial produtivo, enquanto as semeadas tardiamente ainda necessitam de precipitações significativas para manifestarem o seu potencial.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO SEGUNDA SAFRA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Madeira-Guaporé	0,28		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
	Leste Rondoniense	1,40		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/MC	M/C	C	
PA	Baixo Amazonas	0,44		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudeste Paraense	0,36		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
TO	Ocidental do Tocantins	0,86	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
	Oriental do Tocantins	0,97	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA	0,98	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense	0,75		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
CE	Sertões Cearenses	0,25		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Norte Mato-grossense	32,46	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Nordeste Mato-grossense	6,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,74	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro-Sul Mato-grossense	0,56	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	5,66	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	3,09	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,02	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	M/C	C	C
GO	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	10,92	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Goiano	0,30	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Centro Goiano	0,36	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,18	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MG	Sul Goiano	9,19	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Noroeste de Minas	0,76		S	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M	M/C	M/C	C
SP	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,39		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Bauru	0,28		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
SP	Assis	1,14		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Itapetininga	0,86		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho segunda safra - Safra 2023/2024								
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
PR	Noroeste Paranaense	0,90		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Centro Ocidental Paranaense	2,57	S/E	S/E/DV	E/DV	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C
	Norte Central Paranaense	3,42		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Norte Pioneiro Paranaense	1,62		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Oeste Paranaense	5,22	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Paranaense	0,81	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	0,29	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

MILHO TERCEIRA SAFRA

TABELA 13 - MILHO TERCEIRA SAFRA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018/19	511,0	2.385	1.218,7
2019/20	535,6	3.305	1.843,6
2020/21	595,6	2.734	1.628,5
2021/22	662,1	3.341	2.211,9
2022/23	637,1	3.664	2.334,6
2023/24	mai./24	632,5	1.990,9
	jun./24	655,0	2.403,9

Fonte: Conab.

O plantio da terceira safra de milho ocorre em todas as regiões produtoras, devendo se prolongar até o final de junho. O clima está sendo favorável ao estabelecimento e desenvolvimento das lavouras, com a ocorrência de precipitações bem distribuídas na maioria das áreas.

Para a safra 2023/24, a área cultivada está estimada em 655 mil hectares, com seu dimensionamento ainda em aberto.

ANÁLISE ESTADUAL

Bahia: observa-se o aumento da área do milho terceira safra, principalmente sobre campos utilizados anteriormente para o cultivo de feijão, no Nordeste



Foto 19 - Lavoura de milho 3ª safra em desenvolvimento vegetativo, Adustina - BA

Fonte: Conab.

Foto 20 - Milho 3ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Tucano-BA



Fonte: Conab.

da Bahia. O milho apresenta maior facilidade do cultivo, menor necessidade de mão de obra e maior expectativa de retorno financeiro, visto que a cultura foi rentável nas últimas safras.

As precipitações ocorridas em maio foram favoráveis para o avanço do

plântio das áreas no nordeste do estado. As chuvas foram regulares e distribuídas, apresentando condições melhores em comparação ao mesmo período do ano passado.

O plântio foi realizado em mais de 70% das áreas. Estas lavouras estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentando boas condições.

Alagoas: o volume de chuvas nas regiões Agreste e Bacia Leiteira tem sido favorável ao semeio desde o início de abril, com adequada distribuição em sua ocorrência. Quanto à região do Médio e do Alto Sertão, as chuvas regulares tiveram seu início nos primeiros dias de maio. De modo geral, o clima está sendo adequado à semeadura em toda a região.

A maioria do milho semeado no estado de Alagoas, até o momento, se deu na região Agreste e Bacia Leiteira. Os produtores dessas regiões começaram o plântio na segunda quinzena de abril. Quanto a regiões do Médio e Alto Sertão, o plântio da lavoura teve seu início na primeira quinzena de maio, quando as chuvas ficaram mais regulares. O encerramento do plântio em todo o estado está previsto para o início de junho.

Sergipe: após início do plântio das lavouras de milho em abril, as operações se intensificaram em maio, devido principalmente à maior regularidade e volume das chuvas ocorridas. O clima está favorável, com algumas exceções de atraso no plântio por conta de excesso de chuvas, mas de forma bem localizada.

As lavouras estão basicamente nos estádios de germinação e crescimento vegetativo, com bom desenvolvimento da cultura. Considerando todas as condições climáticas atuais, assim como os avanços nas operações de



Foto 21 - Milho terceira safra, desenvolvimento vegetativo Lajedo-PE

Fonte: Conab.

plantios dentro da janela correta, as expectativas iniciais são ótimas em relação aos rendimentos que serão alcançados ao final dos cultivos.

Pernambuco: as precipitações têm ocorrido com melhor regularidade e distribuição que no ciclo passado, o que favoreceu a semeadura do milho terceira safra. Elas se encontram em fases iniciais de desenvolvimento vegetativo e apresentam um bom desempenho.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - MILHO TERCEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica												
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2023/2024									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
RR	Norte de Roraima	4,77		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C		

UF	Mesorregiões	Produção* %	Milho terceira safra - Safra 2023/2024									
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
PE	Sertão Pernambucano	0,95	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C		
	Agreste Pernambucano	1,03	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	M/C	C		
AL	Sertão Alagoano	0,32	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Agreste Alagoano	1,13	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
	Leste Alagoano	1,01	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C		
SE	Sertão Sergipano	21,54	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Agreste Sergipano	16,02	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
	Leste Sergipano	3,05	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano **	1,75		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C		
	Nordeste Baiano	47,35	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano	0,36	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	M/C	C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado

Fonte: *IBGE (PAM 2022)/Conab.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2023/24, a Conab prevê uma produção total de 114,1 milhões de toneladas de milho, um decréscimo esperado de 13,5% comparada à safra anterior. Essa redução na produção total é resultado do encolhimento da área de milho, com destaque à queda na segunda safra, em conjunto com uma menor produtividade projetada em campo. Cabe destacar que a Conab projeta um decréscimo de 6,4% na área plantada e de 7,5% da produtividade do setor.

Em relação aos dados da demanda doméstica, a companhia acredita que 84,1 milhões de toneladas de milho da safra 2023/24 deverão ser consumidos internamente ao longo de 2024, ou seja, um aumento de 5,7% comparativamente à safra anterior.

Sobre a balança comercial, a Conab projeta uma expansão do volume de importação total para a safra 2023/24, projetada em 2,5 milhões de toneladas do grão, em razão da perspectiva da menor produção nacional. Para as exportações, com a esperada menor oferta nacional, a Conab estima que 33,5 milhões de toneladas sairão do país via portos, sendo este volume 38,7% inferior ao estimado para a safra 2022/23. Nesta conjuntura, acredita-se que a redução da produção brasileira, somada à maior oferta disponível no mercado internacional, em meio às boas safras norte-americana e argentina, deverão reduzir o volume de exportações brasileiras do grão em 2024. Com isso, o estoque de milho em fevereiro de 2025, ou seja, ao fim do ano-safra 2023/24, deverá ser de 6,1 milhões de toneladas, sendo este montante 14,2% inferior ao da safra 2022/23.

TABELA 14 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2017/18	15.739,4	80.709,5	900,7	97.349,6	59.048,4	23.742,2	14.558,9	
2018/19	14.558,9	100.042,7	1.596,4	116.198,0	61.937,4	41.074,0	13.186,6	
2019/20	13.186,6	102.586,4	1.453,4	117.226,4	67.021,4	34.892,9	15.312,1	
2020/21	15.312,1	87.096,8	3.090,7	105.499,6	71.168,6	20.815,7	13.515,3	
2021/22	13.515,3	113.130,4	2.615,1	129.260,8	74.534,6	46.630,3	8.095,9	
2022/23	8.095,9	131.892,6	1.313,2	141.301,7	79.598,9	54.634,4	7.068,4	
2023/24	mai/24	7.068,4	111.635,8	2.500,0	121.204,2	83.985,5	31.000,0	6.218,7
	jun/24	7.068,4	114.144,3	2.500,0	123.712,7	84.146,5	33.500,0	6.066,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2024.

Estoque de passagem 31 de janeiro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
45.978,0 mil ha	3.205 kg/ha	147.353,5 mil t
+4,3%	- 8,6%	-4,7%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DA SÉRIE HISTÓRICA - SOJA

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)	
2017/18	35.149,2	3.507	123.258,9	
2018/19	35.874,0	3.337	119.718,1	
2019/20	36.949,7	3.379	124.844,8	
2020/21	39.531,2	3.526	139.385,3	
2021/22	41.492,0	3.026	125.549,8	
2022/23	44.079,8	3.507	154.605,9	
2023/24	mai./24	45.733,2	3.229	147.684,8
	jun./24	45.978,0	3.205	147.353,5

Fonte: Conab.

A colheita está praticamente finalizada no país, alcançando 98,8% da área cultivada no início de junho. Apenas Pará, Maranhão, Santa Catarina e Rio Grande do Sul possuem áreas a serem trilhadas.

Os resultados obtidos, até este levantamento, indicam uma produção total de 147.353,5 mil toneladas, 4,7% inferior ao obtido na safra 2022/23, a maior já colhida no Brasil.

Apesar das adversidades climáticas ocorridas na maioria das regiões, os resultados ainda podem ser considerados satisfatórios diante dos extremos climáticos que acometeram diversos estados produtores em diferentes estádios de desenvolvimento da cultura, mostrando a capacidade técnica dos produtores nacionais de estarem preparados às diversas situações de cultivo.

A safra teve seu início complicado em Mato Grosso, Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul devido à demora na regularização das chuvas e termina com graves problemas de excesso de precipitações no Rio Grande do Sul, estado onde as lavouras apresentavam bom desenvolvimento, e na reta final da colheita foi assolado por grandes volumes de chuva, que causaram grandes estragos nas lavouras remanescentes em campo.

Neste levantamento foi registrado um aumento na área cultivada de 244,8 mil hectares e uma redução na produtividade média, que agora está estimada em 3.205 kg/ha, influenciada pelos impactos das volumosas precipitações ocorridas no Rio Grande do Sul.

ANÁLISE ESTADUAL

Mato Grosso: a colheita foi finalizada no estado. Neste levantamento houve ajuste da área semeada no estado, com a identificação de novas áreas ocupadas com soja em municípios localizados nos extremos das regiões de fronteiras agrícolas do sudoeste, noroeste e nordeste mato-grossenses, via incorporação recente de áreas de pastagens. Ademais, em lavouras já estabelecidas em regiões tradicionais houve novos registros de plantio/colheita de áreas antes consideradas como abandonadas devido às baixas produtividades da soja obtidas em safras anteriores, mas agora contabilizadas no somatório geral, tendo em vista a confirmação do processo de colheita dessas áreas. Sendo

assim, a área cultivada com soja no estado foi reajustada para 12.376,1 mil hectares, aumento de 2,4% em relação à safra 2022/23.

Rio Grande do Sul: maio foi caótico para as lavouras de soja que ainda não haviam sido colhidas até o começo das chuvas torrenciais, temporais, alagamentos e enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul a partir dos últimos dias de abril, persistindo durante boa parte de maio. Foram vários dias consecutivos com chuva. Em alguns municípios foram registrados volumes precipitados superiores aos 1.000 mm. As enchentes, como a da Bacia Hidrográfica do Rio Guaíba e do Rio Taquari foram significativamente superiores às máximas existentes nos registros históricos de mais de um século.

Foi realizado por técnicos da regional da Conab e utilizando-se de: máscara de cultivos da safra 2022/23, informações georreferenciadas, mapas de altitude e localização das principais bacias hidrográficas e de imagens dos satélites Sentinel-1 e Sentinel-2 obtidas durante maio, mapeamento das áreas de soja atingidas pelas enxurradas e inundações, que totalizaram 110,3 mil hectares. Porém, dessas, apenas 67,8 mil hectares ainda não haviam sido colhidas até o momento da ocorrência dos eventos, o que representa 1% da área cultivada com a cultura no estado. Nessas áreas, as perdas foram de 100%.

As maiores perdas, porém, encontram-se em 25% da área que estava em campo no início de maio pela impossibilidade da realização da colheita das áreas tardias em razão da manutenção de alta umidade nos solos, plantas e grãos. Nas poucas janelas em que foi possível realizar a operação, boa parte dos grãos colhidos eram, em muitos casos, ardidos ou germinados, e apresentavam alto teor de umidade, mais de 20% e, em muitos casos, até superior a 30%. Após o primeiro decêndio de maio, os agricultores começaram a abandonar algumas áreas, tendo em vista que o produto restante nas

lavouras não era capaz de arcar com os custos operacionais da colheita.

Regionalizando a informação, o noroeste do estado (regiões do Alto Uruguai, Celeiro, Missões, Norte e Planalto Médio) está no final de colheita da cultura, restando apenas menos de 1% das áreas para colheita, áreas de safrinha. Algumas áreas perderam viabilidade econômica da colheita e sequer serão colhidas, porém são pontuais. São poucas áreas que não estavam colhidas no início das chuvas de maio devido às perdas ocorridas nas lavouras maduras por debulha dos legumes e brotação dos grãos, de forma que os resultados produtivos tiveram apenas um leve decréscimo, além dos registrados nos levantamentos anteriores. Os grãos, no geral, apresentaram boa qualidade, pois foram colhidos antes das chuvas mais danosas.

Na região Sul, Campanha e Central a colheita está mais atrasada. Os produtores estão colhendo com umidade alta, entre 22% e 34%, sobrecarregando os secadores e armazenadores, acarretando perdas adicionais nas cargas armazenadas nos caminhões. Em Nova Palma, na região Central, por exemplo, foi colhida 85% das áreas, restando 15%. As perdas estimadas são de 15% a 20%, que podem ser percebidas já no recebimento dos armazéns, com muitos grãos avariados, podres e com umidade, variando entre 20% e 30%, sendo classificados como abaixo do padrão. Muitos produtores ficaram até 18 dias sem energia. Várias estradas vicinais e rodovias estaduais e federais foram danificadas, impossibilitando o escoamento da produção e aumentando as perdas na qualidade dos grãos. Em Canguçu, na região Sul, a umidade alta também impactou negativamente a produtividade, que reduziu em 50% em relação à expectativa inicial. A alta umidade dos grãos faz com que a indústria rejeite a entrega de várias cargas, considerando perda total.

Em São Borja, as perdas chegam a 70%, e a produtividade nas áreas de várzea é próxima de 900 kg/ha. Nestas regiões, a expectativa de produtividade média,

que já apresentava uma expectativa inicial menor em relação às demais do estado, foi severamente prejudicada por ter uma menor parcela das áreas colhidas até o início das chuvas. Espera-se que o resultado fique entre 1.800 e 2.400 kg/ha.

Considerando que 75% das áreas do Rio Grande do Sul estavam colhidas antes das chuvas, o prejuízo à produtividade média não foi tão severo, mas é responsável por uma redução na expectativa de produtividade média de 9%, passando para 2.985 kg/ha.

Paraná: a colheita foi finalizada no estado. Parte das lavouras, que foram cultivadas mais precocemente neste ciclo, em municípios localizados no extremo-oeste e sudoeste do Paraná, e no noroeste do estado, sentiram mais os efeitos negativos da falta de chuva, somado à altas temperaturas, ocorrido entre o final de dezembro de 2023 e janeiro de 2024. E ainda, salienta-se que nesta safra, em outras regiões produtoras também ocorreram chuvas irregulares, tanto no espaço como no tempo, o que com a associação de fortes ondas de calor reduziu a produtividade média da soja para 3.155 kg/ha, 18,3% inferior ao último ciclo.

Santa Catarina: a colheita encontra-se praticamente encerrada na Serra e Planalto Norte. Há variação de produtividade quando comparada ao último levantamento, porém está relacionada à colheita nos municípios do Planalto Sul e da safrinha no Planalto Norte. No meio oeste a colheita também se aproxima do fim, restando menos de 1% para sua conclusão. O resultado produtivo da safra atual deve ficar aquém do obtido na safra passada, resultado das instabilidades climáticas ocorridas ao longo do desenvolvimento da cultura. Mesmo assim, com o aumento da área cultivada, a produção será superior ao da safra passada, pois houve plantio de segunda safra em muitos dos municípios produtores. O extremo-oeste encaminha-se para finalizar a

colheita ainda dentro de maio, caso as condições climáticas permitam. As áreas de safrinha, plantadas mais tarde, sofreram com as altas umidades, ocorridas em maio, registrando depreciação na qualidade do produto colhido, bem como perdas ainda na lavoura (grãos germinados na vagem, principalmente). Contudo, como a safrinha representa apenas uma parte do todo, a produtividade tende a permanecer estável. Em termos fitossanitários, prevaleceu o controle de doenças de final de ciclo, especialmente ferrugem-asiática (*Phakopsora pachyrhizi*). O mofo-branco também foi citado como causador de perdas, entretanto sem afetar significativamente a produtividade esperada.

Goiás: a colheita já foi encerrada no estado. As últimas áreas tiveram resultados regulares. Algumas lavouras foram prejudicadas com as chuvas ocorridas no início de abril, contribuindo para aparecimento de pragas e doenças de final de ciclo.

A qualidade do grão ficou comprometida nestas lavouras remanescentes. Apesar de menor representatividade na produção total, esses eventos foram responsáveis por reduções da produtividade de forma localizada. O fato que as últimas áreas colhidas no estado são as de expansão sobre áreas de pastagens, ou seja, áreas de primeiro ano e com sistema de plantio convencional, com redução no pacote tecnológico. Na região sudoeste, principal região produtora, a qualidade dos grãos foi reportada como boa em 81% dos casos, 15% dos grãos foram considerados em condições regulares e cerca de 4% com qualidade ruim, ocorrência de grãos ardidos, com umidade excessiva e/ou avariados.

Mato Grosso do Sul: o tempo seco e quente foi favorável para a perda de umidade dos grãos das lavouras tardias de soja. Em maio predominou a colheita dos talhões atrasados, com destaque para aqueles localizados no

centro-norte, que em sua maioria tiveram altos percentuais de descontos por grãos ardidos que foram gerados pelas chuvas constantes e tempo nublado, que permaneceram nessa região durante a primeira quinzena de abril. Diante desse fato, a produtividade final da soja encerrou com nova queda e está estimada em 2.825 kg/ha, 24,1% inferior à safra 2022/23, resultado das instabilidades climáticas ocorridas após a primeira quinzena de dezembro de 2023.

Minas Gerais: a colheita está encerrada no estado. A cultura passou por adversidades climáticas durante todas as etapas de cultivo. A estiagem, aliada a temperaturas altas durante a janela ideal de plantio, comprometeram a programação dos produtores, onde muitos tiveram que concluir o plantio de suas lavouras fora do período recomendado, admitindo, assim, perda do potencial produtivo.

As lavouras sofreram durante a fase de desenvolvimento, especialmente até meados de dezembro, com altas temperaturas e, apesar de ter sido registrado precipitações, essas não foram suficientes para amenizar os danos.

O plantio escalonado culminou no alongamento do ciclo da cultura, com lavouras em diversos estágios de desenvolvimento e, à medida que vinham sendo colhidas, as perdas iam se confirmando. A parcela de lavouras que foram replantadas foram as últimas a serem colhidas e, se não bastasse terem sido penalizadas pelas condições climáticas, uma alta pressão de mosca-branca (*Bemisia tabaci*) ajudou a comprometer ainda mais o potencial produtivo.

Nesse cenário, os números de produção nesta safra reduziram 6,7% em relação à safra anterior, com um total de 7.790,5 mil toneladas produzidas da oleaginosa.

São Paulo: as lavouras foram impactadas por condições adversas durante praticamente todo o ciclo da cultura. As variedades precoces, plantadas no início do ciclo, foram afetadas pelas precipitações irregulares e altas temperaturas no seu estabelecimento. Mesmo as cultivares de ciclo médio e tardio sentiram os impactos da irregularidade das precipitações em épocas de grande demanda hídrica, fazendo com que as perdas de produtividade ocorressem em todo o estado, mesmo em regiões onde tradicionalmente se obtinham bons resultados. A colheita foi finalizada no estado, com produtividade média de 2.800 kg/ha, 26% inferior à obtida na última safra.

Distrito Federal: a colheita foi finalizada, apresentando aumento médio na área de 3%, comparada à safra passada. Tal incremento ocorreu principalmente em áreas antes ocupadas por milho primeira safra e em menor escala em áreas de pastagens. Os plantios mais tardios foram severamente afetados pela falta de chuvas, impactando negativamente na produtividade média, estimada em 3.480 kg/ha, 5,9% inferior à safra 2023/24.

Bahia: a colheita foi finalizada, obtendo produtividade inferior à safra passada. No entanto, a eficiência do manejo agrícola e a chuva acima do esperado garantiu boas produtividades, superiores às expectativas iniciais.

Maranhão: o plantio da presente safra de soja ocorreu entre outubro e fevereiro de 2024, em razão da grande extensão territorial do estado e do distinto regime de chuvas entre as regiões. A implantação da cultura apresentou atraso em relação ao ano anterior devido às chuvas escassas, principalmente em dezembro de 2023 e janeiro de 2024. A colheita foi iniciada em janeiro de 2024 e no início de junho, alcançou 93% da área total, e ocorrerá até junho.

Na região sul maranhense, a colheita das últimas áreas produtivas foi finalizada em maio. Nessa região houve expansão de área de plantio de soja

em substituição, principalmente, da área de milho primeira safra. Houve dificuldade inicial na instalação da cultura por deficit hídrico, com replantio de diversas áreas e atraso na implantação das lavouras. No entanto, as médias de produtividade na região são bastante satisfatórias, especialmente quando comparadas ao esperado pelos produtores, nos primeiros meses da safra.

Nas regiões oeste e centro maranhense, a colheita está em andamento, e dependendo do município, bem próxima da finalização. Em Açailândia, Itinga do Maranhão, Bom Jesus das Selvas e Grajaú, a colheita foi finalizada. No leste maranhense, apesar das dificuldades no início do plantio e da necessidade de replantio em algumas unidades produtivas, à medida que as condições climáticas tornaram-se favoráveis, evidenciou-se bom desenvolvimento, culminando em bons rendimentos da cultura.

Para a safra 2023/24, no presente levantamento, a área estimada de plantio de soja do Maranhão é de 1.328 mil hectares, com expansão em todas as regiões produtoras do estado. A produtividade estimada foi de 3.302 kg/ha,



Foto 22 - Soja - Maturação - Caxias-MA

Fonte: Conab.

Foto 23 - Soja - Maturação - Santa Quitéria-MA



Fonte: Conab.

com redução de 6% em relação à safra anterior em razão da irregularidade das chuvas. Entretanto, a produção está estimada em 4.383,4 mil toneladas, 12,1% maior que a produção da safra anterior

Piauí: em geral as lavouras de soja no cerrado piauiense se desenvolveram em boas condições, refletindo em boas produtividades, cujos números atuais apontam para uma produtividade similar à da safra passada. O quadro de semelhança nas condições das lavouras é reflexo das chuvas que ocorreram em fevereiro e atingiram praticamente toda a região produtora, favorecendo as lavouras que se encontravam em momento crítico da sua fenologia, e estas chuvas foram decisivas para fixar a produtividade em níveis mais elevados. A colheita foi finalizada no estado, confirmando boas produtividades.

Alagoas: o cultivo da cultura no estado teve início em março, com uma previsão de área de 6,2 mil hectares, dos quais já foram semeados 65%. Destes, 95% se encontram em emergência e 5% em desenvolvimento vegetativo. Vale ressaltar que as lavouras semeadas se encontram em bom estado vegetativo, e a previsão de colheita está prevista para agosto e setembro de 2024.

Tocantins: a colheita da primeira safra de soja no estado foi finalizada, e o plantio da segunda safra, destinada exclusivamente à produção de sementes, está sendo finalizado nas regiões de várzea do estado, principalmente em Lagoa da Confusão e Formoso do Araguaia.

O clima firme e seco vem favorecendo as operações de plantio, que deverá ser concluído até o dia 31 de maio. As lavouras estão em desenvolvimento



Foto 24 - Soja 2ª safra - Desenvolvimento vegetativo - Lagoa da Confusão-TO

Fonte: Conab.

vegetativo, e o plantio ocorre em áreas anteriormente cultivadas com arroz. É esperada uma redução da área de plantio devido aos baixos níveis dos reservatórios e rios da região. A captação da água será permitida somente até 31 de julho.

Pará: durante este levantamento, a colheita da soja já alcançava 98% da área destinada à oleaginosa, estando o restante da área em maturação. A colheita ainda ocorre na região intermediária de Castanhal, onde estão os principais municípios produtores do estado, e na região intermediária de Santarém.

As lavouras maturadas de soja de Santarém têm dificuldades em ser colhidas, pois atipicamente ainda chove bastante na região, o que dificulta a ação das máquinas e compromete a qualidade dos grãos colhidos. No entanto, a maior reclamação do setor é a lentidão para escoar a produção via portos do estado. Nesta safra foram cultivados 1.089,8 mil hectares no estado, e a produtividade é estimada em 3.268 kg/ha.

Rondônia: as colheitas estão sendo concluídas no estado, mas ainda encontramos áreas em estágio de maturação dos grãos. As áreas implantadas na região sul do estado foram favorecidas pela presença de chuvas desde o plantio, enquanto na região centro-norte a realidade foi outra. As chuvas se iniciaram de forma muito esporádica e só se firmaram a partir da primeira semana de dezembro, atrasando em muito o calendário agrícola desta safra.

Acre: devido às baixas precipitações ocorridas em outubro e novembro, ocasionadas pelo fenômeno do El Niño, houve atraso no plantio da soja. A partir de dezembro ocorreu uma regularização das chuvas, que permitiu uma boa implantação e desenvolvimento satisfatório da cultura. A colheita foi finalizada no estado e apesar de eventos climáticos adversos ocorridos durante o ciclo da cultura, as produtividades ficaram dentro do esperado, mostrando a capacidade produtiva dos solos do estado. A área cultivada nesta safra alcançou 17,5 mil hectares.

QUADRO 9 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - SOJA

Legenda - Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
RO	Leste Rondoniense	1,18		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	Continua

Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Soja - Safra 2023/2024								
			SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI
PA	Sudeste Paraense	1,65		S/E	E/DV	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	1,71		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
	Oriental do Tocantins	1,43		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
MA	Sul Maranhense	1,85		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,48			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	5,01			S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense	19,20	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Nordeste Mato-grossense	6,21		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste Mato-grossense	0,86	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense	4,65	S/E	S/E/DV	DV/F	F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	2,17		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul	1,25		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	3,53	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
GO	Noroeste Goiano	0,68		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Goiano	0,60		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Goiano	0,65		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Leste Goiano	1,94		S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Sul Goiano	8,74		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas	1,95		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	3,19		S/E/DV	E/DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
SP	Assis	0,84		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Itapetininga	1,09		S/E/DV	E/DV/F	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C	
PR	Centro Ocidental Paranaense	0,92	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Norte Central Paranaense	1,99		S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense	1,51		S/E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Paranaense	1,55		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Paranaense	1,19	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	0,60	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	1,83		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
SC	Sudeste Paranaense	1,00		S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	
	Oeste Catarinense	0,76		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	3,33		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C
	Centro Ocidental Rio-grandense	0,78		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudeste Rio-grandense	1,18		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	0,92		S	E/DV	E/DV	DV/F	F/EG/M	F/EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab. *IBGE (PAM 2022) / Conab.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

OFERTA E DEMANDA

A Conab aumenta a estimativa de área plantada de soja e reduz a estimativa de produtividade e produção, principalmente no Rio Grande do Sul, que teve uma redução de produção de 1,2 milhão de toneladas. Assim, a produção de grãos de soja para a safra de 2023/24 tem redução de 331 mil toneladas, estimada neste levantamento em 147,35 milhões de toneladas.

Por este motivo, as exportações são reduzidas em 70 mil toneladas, passando de 92,5 milhões de toneladas para 92,43 milhões de toneladas.

Há um ajuste nas perdas de 23 mil toneladas, e os estoques passam de 3,34 milhões de toneladas para 3,05 milhões de toneladas.

Não há alterações nas estimativas de esmagamentos e nos quadros de oferta de óleo de soja e farelo de soja.

TABELA 16 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃOS	2022/23	5.962,1	154.609,5	181,0	160.752,6	55.591,7	101.862,6	3.298,2
	2023/24	3.298,2	147.353,5	800,0	151.451,7	55.959,5	92.434,4	3.057,8
FARELO	2022/23	1.385,5	40.758,5	0,1	42.144,1	17.800,0	22.473,5	1.870,6
	2023/24	1.870,6	40.192,8	1,0	42.064,5	18.000,0	20.000,0	4.064,5
ÓLEO	2022/23	508,1	10.509,3	21,4	11.038,8	8.395,0	2.332,6	311,2
	2023/24	311,2	10.602,4	50,0	10.963,6	9.262,0	1.400,0	301,6

Fonte: Conab e Secex.

Nota: Estimativa em junho/2024.

Estoque de passagem 31 de dezembro.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

3.087,4 mil ha

-11,4%

PRODUTIVIDADE

2.945 kg/ha

+26,3%

PRODUÇÃO

9.065,3 mil t

+12,0%

Comparativo com safra anterior.

Fonte: Conab.

TABELA 17 - TRIGO

SAFRA	ÁREA (em mil ha)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)	PRODUÇÃO (em mil t)
2018	1.916,0	2.225	4.263,5
2019	2.042,4	2.657	5.427,6
2020	2.040,5	2.526	5.154,7
2021	2.341,5	2.663	6.234,6
2022	2.739,3	2.803	7.679,4
2023	3.473,4	2.331	8.096,8
2024	mai/24	3.086,7	9.082,5
	jun/24	3.087,4	9.065,3

Fonte: Conab.

Para a safra 2023/24, a expectativa de produção é de 9.065,3 mil toneladas do grão, 12% a maior que a safra passada devido à quebra de safra no maior produtor brasileiro, Rio Grande do Sul, naquela safra. Neste levantamento, a safra gaúcha ainda não se iniciou, pois as condições climáticas não são favoráveis à semeadura. Por outro lado, a colheita iniciou nas lavouras de sequeiro de Goiás, e a semeadura chega próxima da metade das áreas tritícolas.

ANÁLISE ESTADUAL

Rio Grande do Sul: o clima desfavorável e calamitoso, com excesso de chuvas que causaram sérias enchentes, aliado ao alto custo da semente ou mesmo a sua indisponibilidade no mercado, são fatores que vêm desestimulando a manutenção da área de trigo no estado. Na região noroeste, há tendência de redução considerável, apesar de ainda estar em tempo hábil de semeadura, já que o Zoneamento Agrícola de Risco Climático (ZARC) recomenda junho e julho como preferenciais, dependendo da região e cultivares utilizadas.

O excesso de umidade impossibilitou o manejo das áreas a serem semeadas, causando erosão severa, além da lixiviação dos nutrientes com consequente empobrecimento do solo. Portanto, em uma análise mais abrangente é possível elencar todos esses elementos como responsáveis pela decisão do produtor de reduzir a área semeada, principalmente tratando-se de cultura de alto risco.

Um fator que deve ser levado em consideração, entretanto, é que somente após o retorno do tempo seco é que será tomada a decisão definitiva quanto à implantação da cultura de inverno mais adequada, viável e economicamente rentável para cada situação.

Assim, mantém-se a expectativa de redução na área cultivada em relação à safra passada. Apesar do leve atraso, já que, até o momento, não se tem área significativa semeada, as previsões que indicam a influência do fenômeno La Niña nas condições meteorológicas da primavera permitem manter a previsão de produtividade média.

Paraná: semeada parte das áreas prevista para serem cultivadas com trigo nesta safra, visto que as lavouras já implantadas se encontram nos estágios

de emergência e desenvolvimento vegetativo. A predominância de um tempo mais quente e seco, no início de maio, contribuiu para o aumento da porção considerada regular em detrimento da parcela considerada boa.

Em alguns casos pontuais, as lavouras podem ser consideradas ruins, visto às falhas de germinação ocorridos devido ao selamento do solo, que foram consequência de fortes eventos de precipitação que aconteceram em algumas lavouras no final de maio de 2024.

Até o momento, a maioria das lavouras implantadas nesta safra pode ser considerada boa.

São Paulo: o trigo em São Paulo está aguardando chuvas para finalizar o plantio, e as temperaturas continuam elevadas, visto que o cereal não se adapta a essas condições, com possível ressemeadura.

O trigo que foi plantado mais precocemente, ou seja, em abril, sofre com as altas temperaturas, até mesmo no período noturno, a possibilidade de perda e replantio já existe por parte de alguns produtores. O trigo necessita de temperaturas mais amenas, de um clima mais frio para cumprir todo o seu ciclo. Muitos produtores permanecem ainda com a expectativa de chuvas, para intensificar o plantio do cereal.

Minas Gerais: após o encerramento da semeadura do trigo no estado, identifica-se reduções de área em relação ao último levantamento. Nas lavouras irrigadas houve declínio devido à maior atratividade financeira de outras culturas e, nas de sequeiro, a área foi reduzida devido às adversidades climáticas (seca e temperaturas acima da média).

Salienta-se que no sul do estado, importante região produtora, observa-se o declínio de áreas que seriam cultivadas com o cereal em virtude das

temperaturas mais elevadas registradas, até então. Apesar de identificar correções de produtividade na região do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba em razão da seca, as lavouras do sul de Minas Gerais ainda sustentam esse potencial produtivo, e a produtividade média do estado segue praticamente constante.

Em relação à questão fitossanitária, destaca-se que apesar de parte das lavouras implantadas ainda em março, tem-se receio de maior incidência da brusone. No entanto, em virtude do clima bem seco, os danos em razão dessa doença não foram relevantes.

Distrito Federal: as lavouras de sequeiro e irrigado se encontram em início de pendoamento. A área total foi acrescida, pois a modalidade sequeira teve crescimento acentuado em relação à safra anterior. Na modalidade irrigado foram semeados menos hectares em relação à safra anterior.

Goiás: restam apenas áreas irrigadas a serem semeadas até a primeira quinzena de junho. Com a maioria já semeada, algumas lavouras apresentam sintomas de brusone, porém, no geral, estão em fase inicial de ciclo, com bom desenvolvimento.

Lavouras sob sistema de pivô central com fornecimento de água satisfatório. Áreas de sequeiro em sua totalidade na fase reprodutiva, entre espigamento, enchimento de grãos e maturação. Porém essas últimas enfrentam problemas como o excesso de chuvas na fase inicial, que causaram aparecimento de doenças fúngicas e estresse hídrico na fase de enchimento de grãos.

Mato Grosso do Sul: grande parte das lavouras foram implantadas logo após as chuvas ocorridas em meados de abril, portanto passaram pelo forte

estresse climatológico caracterizado por seca e calor acima da média para o período.

O restante das áreas está em semeadura, após a chuva ocorrida em 24 de maio, mas nesse interregno houve produtores que devolveram os insumos e desistiram da cultura, resultando na redução da área estadual.

O últimos talhões implantados com a umidade no solo já baixa apresentam relevantes falhas na emergência, cujas sementes restantes poderão germinar agora e gerar alta disparidade no desenvolvimento das plantas. Todos os cultivos apresentam desenvolvimento abaixo do esperado devido à seca e calor, além de perfilhamento inadequado, resultando em estandes inferiores à recomendação técnica para as cultivares, o que reflete diretamente na produtividade esperada.

A maior parte dos cultivos estão em estádios que possibilitam a recuperação de parte das perdas com a chegada da chuva, acompanhada de frio ao final de maio.

Bahia: espera-se a redução da área cultivada devido à dificuldade na comercialização da produção.

Nos últimos 30 dias houve registro de pouca chuva, com acumulado inferior a 10 mm. A falta de chuva e alta luminosidade favorecem as lavouras de trigo.

QUADRO 10 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS - TRIGO

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva						
	Alta Restrição - Falta de Chuva										
UF	Mesorregiões-	Produção* %	Trigo - Safra 2024								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	0,49	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	C			
GO	Leste Goiano	0,60	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas	0,55	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	1,40	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
	Campo das Vertentes	0,53	S/E	E/DV/F	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C	C			
	Bauru	0,83	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C			
SP	Itapetininga	3,57	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	F/EG/M	EG/M/C			
	Centro Ocidental Paranaense	2,68	S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	5,37	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense	4,20	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense	5,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense	4,01	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	5,46		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense	4,64			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	Sudeste Paranaense	1,69			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	Metropolitana de Curitiba	0,86			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
SC	Oeste Catarinense	2,41		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Catarinense	0,68		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Serrana	1,05		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense	38,79		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense	2,35			S	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	3,86		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Centro Oriental Rio-grandense	1,17		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense	4,09		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Rio-grandense	0,83		PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

OFERTA E E DEMANDA

Em maio de 2024, a paridade de importação foi o principal parâmetro de formação de preços no mercado doméstico e, como tanto a cotação argentina quanto o câmbio estavam valorizados, ocorreu incremento nas cotações internas. Além disso, as cotações internacionais também estavam em alta. No Paraná, a média mensal foi cotada a R\$ 70,57 a saca de 60 quilos,

apresentando valorização mensal de 9,73%. Já no Rio Grande do Sul, a média mensal foi de R\$ 63,84 a saca de 60 quilos, com valorização de 4,36%.

No mercado internacional, as preocupações com a região do Mar Negro, devido à continuidade dos conflitos e a adversidade climática, que pode comprometer a safra do principal país exportador de trigo do mundo, atuaram como fatores altistas. Ademais, a menor projeção dos estoques finais e o melhor desempenho nas exportações dos Estados Unidos também corroboraram para a valorização de 7,56%, sendo a cotação FOB Golfo cotada à média de US\$ 290,85 a tonelada.

Para a safra 2024/25, que inicia em agosto de 2024 e encerra em julho de 2025, a Conab revisou os números referentes à área, produtividade e produção, da safra 2024/25. A estimativa é que sejam plantados 3.078,4 mil hectares (-11,4%), com produtividade de 2.945 kg/ha (26,3%) e colhidos 9.065,3 mil toneladas (+12%). Com este cenário, a previsão é encerrar a safra vindoura com 665,8 mil toneladas.

TABELA 18 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL	
2018	2.387,4	5.427,6	6.738,6	14.553,6	11.360,8	582,9	2.609,9	
2019	2.609,9	5.154,7	6.676,7	14.441,3	11.860,6	342,3	2.238,4	
2020	2.238,4	6.234,6	6.007,8	14.480,8	11.599,0	823,1	2.058,7	
2021	2.058,7	7.679,4	6.080,1	15.818,2	12.049,8	3.045,9	722,5	
2022	722,5	10.554,4	4.514,2	15.791,1	12.394,1	2.656,6	740,4	
2023*	740,4	8.096,8	6.600,0	15.437,2	12.543,6	2.800,0	93,6	
2024**	mai/24	93,6	9.082,5	6.000,0	15.176,1	12.494,2	2.000,0	681,9
	jun/24	93,6	9.065,3	6.000,0	15.158,9	12.493,1	2.000,0	665,8

Legenda: (*) Estimativa (**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em junho/2024.

Estoque de passagem: trigo 31 de julho.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Mato Grosso do Sul: a colheita está quase finalizada, o clima seco e quente favoreceu a maturação das plantas e perda de umidade das vagens, além da manutenção da qualidade do grão obtido por evitar a contaminação por aflatoxinas. Por outro lado, desfavoreceu os poucos talhões tardios que estão terminando o ciclo produtivo sob estresse hídrico.

O período caracterizou-se pelo avanço da colheita, que revelou perdas produtivas ocorridas por estresse hídrico e calor durante o ciclo da cultura, principalmente na região produtora situada no leste, reduzindo a produtividade média do Mato Grosso do Sul, em comparação ao levantamento anterior, mas ainda assim é considerada satisfatória pelos produtores, diante da rentabilidade financeira que está sendo obtida na comercialização.

A cotação é considerada adequada, mas os produtores venderam, até o momento, somente o montante necessário para cobrir os custos de produção. Como o preço apresentou valorizações em período de colheita, os amendoicultores apostam na continuidade deste ciclo positivo e comercializam cadenciadamente conforme a necessidade de caixa financeiro.

São Paulo: a colheita está encerrada, e a redução na produtividade se deu, sobretudo, devido à falta de chuvas e temperaturas elevadas, que trouxeram como consequência, a maior incidência de pragas, também determinantes

para esta quebra na produtividade.

Houve abortamento de flores em lavouras e redução na granulometria em algumas lavouras, acarretando perda no seu valor comercial.

Ceará: a cultura é realizada em regiões de serra, no momento considerado de segunda safra, onde há mais ocorrência de chuvas.

Devido às boas precipitações observadas, inclusive favorecendo o incremento de área, a cultura está se desenvolvendo bem.

Minas Gerais: a colheita foi concluída, apesar das lavouras terem sido impactadas pela restrição hídrica e às elevadas temperaturas do início do ciclo, elas se recuperaram com o retorno das chuvas mais regulares e redução das temperaturas diurnas. Assim, a estimativa é que a produção de amendoim nesta safra alcance 51,4 mil toneladas.

Paraíba: o plantio foi efetivamente realizado. Trata-se de uma cultura plantada, predominantemente, na faixa litorânea do estado e, devido às condições climáticas favoráveis, espera-se uma produção superior à da safra passada.

A produção de amendoim na Paraíba abastece o mercado consumidor estadual e parte é vendida in natura. Atualmente, uma das grandes dificuldades para ampliação da cultura está na mão de obra, que eleva bastante o custo de produção, pois a colheita na Paraíba é totalmente manual, sem o uso de implementos.

QUADRO 11 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Legenda – Condição hídrica			
	Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva
		Média Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Média Restrição - Excesso de Chuva
		Alta Restrição - Falta de Chuva ou Altas Temperaturas	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Produção* %	Amendoim primeira safra - Safra 2023/2024						
			OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	3,59	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Araraquara	6,25	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Assis	4,33	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Bauru	11,72	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Marília	24,03	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Presidente Prudente	16,70	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	Ribeirão Preto	15,50	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C
	São José do Rio Preto	10,99	S/E	E/DV	E/DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

GERGELIM

Pará: houve uma expansão de área, no polo Paragominas e na região de Tailândia. Estas regiões têm sido favorecidas pelos volumes de chuva.

Mato Grosso: as lavouras estão, majoritariamente, no estágio final de enchimento de grãos, avançando para a maturação. Em relação aos aspectos fitossanitários, o gergelim vem apresentando boa evolução de desenvolvimento, mesmo diante da escassez hídrica, graças à tolerância à baixa pluviosidade. O início da colheita ainda é incipiente e deve se estender até julho.

O gergelim vem ganhando espaço em Mato Grosso, sendo excelente

opção como substituto ao milho segunda safra, em virtude de sua melhor remuneração e menor exigência hídrica, de adubação e defensivos. Com sua produção mais concentrada na região do Vale do Araguaia, a cultura tem expandido tanto para outras regiões de Mato Grosso quanto para outros estados.

Grandes investimentos têm sido realizados, sob a ótica financeira e tecnológica, em aspectos como manejo e técnicas de colheita, de modo a melhorar o desempenho e garantir melhor produtividade e retornos na produção.



Foto 25 - Gergelim, enchimento - Paranatinga-MT

Fonte: Conab.



Foto 26 - Gergelim, maturação - Canarana-MT

Fonte: Conab.

Tocantins: nos últimos 30 dias, o acumulado de chuvas ficou entre 20 mm e 30 mm em todo o estado. Para as lavouras semeadas em fevereiro e até o dia 15 de março, é esperado um bom rendimento.

O gergelim vem ganhando espaço nas diferentes regiões do estado, principalmente, nesta safra, onde ocorreu uma redução do milho, e o produtor optou por esta cultura. Algumas áreas iniciarão a colheita no próximo mês, as lavouras estão em fase de enchimento de grãos e maturação.

GIRASSOL

Rio Grande do Sul: a safra 2023/24 da cultura está encerrada. A área cultivada foi de 2,6 mil hectares, e a produtividade média foi de 1.174 kg/ha.

Goiás: as lavouras estão na fase reprodutiva, principalmente na fase de enchimento de capítulos. As condições são boas mesmo diante de um momento de deficit hídrico.

Em algumas regiões do sul do estado, a escassez de chuvas prejudicou a formação dos capítulos, enquanto em outros municípios, as lavouras produzirão acima da estimativa média.

As condições climáticas em maio não foram tão favoráveis, mas grande parte das áreas foram semeadas mais cedo, e as chuvas de abril colaboraram para uma boa reserva de água no solo. Como o sistema radicular das cultivares atuais atingem maiores profundidades, as lavouras seguem para final de ciclo em boas condições. A baixa umidade contribuiu para a não incidência de mofo-branco, principal doença da cultura.

Mato Grosso: não houve chuvas expressivas para a cultura nos últimos 30 dias. As lavouras de girassol seguem em plena maturação. Devido ao tempo favorável em boa parte do desenvolvimento, associado aos tratos culturais adequados, estima-se produtividade de 1.601 kg/ha.

A cultura vem perdendo espaço nos últimos anos por conta da concorrência com outras culturas de segunda safra, como o milho, o algodão, o feijão-caupi e o gergelim. No entanto, a incorporação de algumas novas áreas tem sido registrada, havendo um movimento inédito de descentralização do cultivo do girassol. Antes restrita à região de Campo Novo do Parecis, a produção tem migrado a outras regiões, como a sudeste do estado.

O girassol é utilizado para a fabricação de óleo e para a alimentação de pássaros, e essa migração pode estar relacionada a uma maior proximidade aos mercados de consumo, após o desaquecimento na região de Campo Novo.

Destaca-se que o frete rodoviário sempre foi um problema ao girassol, tendo em vista seu baixo peso e valor agregado da carga. Apesar do surgimento de novas áreas, é importante destacar que o espaço é ainda restrito, comparativamente a anos recentes.

Mato Grosso do Sul: o clima seco e quente foi favorável para a perda de umidade e colheita. A cultura foi fortemente afetada por mofo-branco, o que gerou a baixíssima produtividade constatada na colheita, que foi executada em maio.

Distrito Federal: as lavouras se encontram em início de maturação, apresentando bons níveis de sanidade. A área de produção é semelhante à cultivada no último ciclo.

A produção é totalmente destinada ao comércio local, onde é utilizada para alimentação de aves ornamentais e animais de estimação.

MAMONA

Bahia: a expansão do cultivo se deu sobre áreas que inicialmente seriam destinadas ao cultivo de feijão e milho, devido ao risco climático não foram implantadas. A colheita atingiu 43% da produção esperada, e a produtividade média está estimada em 6,3% abaixo da última safra, e isso se deve às altas temperaturas ocorridas no último trimestre de 2023, que prejudicou as lavouras de segundo ciclo e ao atraso do plantio das lavouras de primeiro ciclo, devido ao atraso das chuvas.

As lavouras seguem com bom desenvolvimento, no entanto o volume de cachos produzidos é menor que o esperado. A menor produtividade se dá devido ao abortamento de flores entre outubro e dezembro de 2023, por conta das altas temperaturas e baixa umidade. O atraso do plantio das lavouras de primeiro ciclo também favorece a perda de produtividade. Em algumas localidades há relatos de perdas devido ao ataque de insetos sugadores.

Ceará: o bom volume de precipitações estimulou o aumento de área e beneficiou o desenvolvimento da cultura, que tem a estimativa de um aumento de 67,2% de produtividade em relação ao ciclo passado.

SORGO

Mato Grosso: as lavouras estão predominantemente em estágio de maturação, com previsão de início de colheita ainda nas primeiras semanas de junho. Apesar da falta de chuvas consistente no último mês, considera-se que não houve limitação ao desenvolvimento da cultura, mesmo estando



Foto 27 - Sorgo maturação - Canarana-MT

Fonte: Conab.

concentrada em áreas de solos mais arenosos. Diante do quadro positivo para a gramínea, espera-se rendimento compatível com a média histórica das temporadas anteriores.

Mato Grosso do Sul: apesar de ser uma cultura mais resiliente que o milho, o sorgo também sofreu o estresse climatológico dos últimos 40 dias, sendo verificado atraso no desenvolvimento das plantas e disparidade na emissão e formação das panículas, o que reflete diretamente na redução da expectativa produtiva das lavouras.

A chuva ocorrida no final de maio favoreceu os cultivos, porém poderá melar a panícula daqueles que se encontram em florescimento por conta do frio que sucedeu e que propicia a infecção por *Sphacelia sorghi*.

Verifica-se também que houve desistência da semeadura tardia de alguns talhões, visto que a área estadual apresenta outra leve redução em relação aos levantamentos anteriores. Apesar de relatos que indicam baixa incidência de pragas, foram necessárias aplicações pontuais de inseticidas para lagartas e pulgões, nos últimos 30 dias. As lavouras mais adiantadas



Foto 28 - Sorgo_Maturação_ParaisodasAguas-MS

Fonte: Conab.

receberam fungicidas protetores, mas à medida que o clima foi ficando mais adverso, os produtores procuraram reduzir os investimentos e deixaram os talhões mais atrasados sem proteção.

Goiás: a umidade do solo já não contribui para o desenvolvimento da cultura e muitas áreas passaram para fase reprodutiva com tamanho de panícula reduzida. Muitas áreas já apontam quebra de produtividade devido às restrições hídricas. Lavouras semeadas mais cedo estão em condições melhores. O pulgão amarelo, de uma forma geral, está sendo controlado mediante manejos eficientes.

Minas Gerais: as chuvas de março dilataram a janela de plantio do sorgo para além do recomendado. De maneira geral, aquelas lavouras semeadas “precocemente”, em fevereiro, apresentam bom potencial. No entanto, as

semeadas de março em diante, já apresentam quebras em decorrência da seca no estado.

Sendo assim, já podemos observar cachos menores a campo e, nos casos mais extremos, observamos lavouras que dificilmente atingirão uma produtividade que justifique a colheita das áreas mais tardias devido à falta de umidade no solo.

Em alguns municípios, já cogitam incorporar parte das lavouras ao solo. Além disso, temos também a pressão do pulgão ao longo deste ciclo, que foi favorecido pelas temperaturas mais altas.

Todos esses fatores convergiram para uma redução da produtividade de aproximadamente 3,5% em relação ao oitavo levantamento.

Bahia: as lavouras seguem em fase de desenvolvimento vegetativo, floração, enchimento de grãos e maturação, apresentando bom desenvolvimento.

Maranhão: o cultivo de sorgo em segunda safra, na região sul do estado, ocorre após a colheita da soja. Na presente safra, o plantio ocorreu em março. A área estimada de plantio de sorgo é de 14,3 mil hectares, e as lavouras apresentam bom desenvolvimento, até o momento.

Piauí: por se tratar de cultura mais rústica que o milho e conseqüentemente mais resistente ao deficit hídrico, o sorgo tem apresentado uma área de cultivo crescente no estado.

A cultura teve sua semeadura iniciada no final de março, e as lavouras se encontram em enchimento de grãos. Elas se estabeleceram em boas condições, na sua maioria. Nesta safra, em virtude, principalmente de condições climáticas críticas para o cultivo do milho, registrou-se um

aumento significativo de área, de 45% em relação à safra anterior. Apesar das condições climáticas terem se apresentado favoráveis na implantação e estabelecimento da cultura, há registro de problema sério de ataque de lagartas.

Tocantins: nos últimos 30 dias o acumulado de chuvas ficou entre 20 mm e 30 mm, em todo o estado. Para as lavouras semeadas em fevereiro e início de março, é esperado um bom rendimento.

As lavouras estão em estágio de maturação, e a colheita será iniciada em junho.

QUADRO 12 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- SORGO

Legenda – Condição hídrica										
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas					
UF	Mesorregiões	Produção* %	Sorgo - Safra 2023/2024							
			JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PA	Sudeste Paraense	1,99		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
TO	Ocidental do Tocantins	2,89		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense	2,61		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	3,66	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	6,05		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MS	Leste de Mato Grosso do Sul	1,97		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	2,14		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense	1,33		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense	2,84		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M	M/C	C
	Centro Goiano	1,26		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
GO	Leste Goiano	5,27		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sul Goiano	28,34		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas	4,09		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	17,52		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C

SP	Araçatuba	2,89	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Bauru	1,42	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Itapetininga	2,87	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
PR	Norte Central Paranaense	1,35	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: * IBGE (PAM 2022)/Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Rio Grande do Sul: a semeadura está atrasada. A cultura que, dentre os cereais, é a primeira a ser semeada, teve a operação prejudicada pelas chuvas volumosas e recorrentes ao longo de maio. A semeadura iniciou incipiente, não representando 1% das lavouras previstas nesta safra, e as implantadas estão em emergência.

As principais regiões afetadas são as Missões e o Alto Uruguai, onde o período preferencial para a produção de grãos inicia no segundo decêndio de maio. Nessa região, muitas lavouras ainda necessitam da realização dos manejos pré-semeadura, o quais foram prejudicados pelas chuvas. Tal condição retardará as operações nestas áreas. Esse atraso da semeadura pode levar alguns agricultores a diminuírem o investimento nas áreas e manejarem as lavouras para a produção de biomassa para cobertura de solo ou ainda mudarem para o trigo, que é semeado mais tarde.

No leste do Planalto Médio, Sul, Depressão Central e Planalto Superior o período é mais tarde, diante disso, os agricultores têm tempo hábil para a realização das operações sem prejuízos à expectativa de produtividade.

Outro fator que tem sido determinante na escolha da aveia-branca, como cultivo de inverno, é a disponibilidade e custo da semente. Verifica-se que a oferta é reduzida, e o preço pago pelo produtor é muito superior ao da safra passada.

Paraná: a semeadura foi realizada em parte, e as lavouras implantadas estão nas fases de emergência e desenvolvimento vegetativo, em condições consideradas boas, na grande maioria. As recentes precipitações contribuíram para um bom desenvolvimento inicial desta cultura.

A produção de grãos de aveia tem como destino a indústria de alimentação humana, para fabricação de flocos, e alimentação animal, para produção de rações. Além disso, parte desse cereal terá como destino a produção de sementes para o plantio de cobertura vegetal.

O aumento de área deve-se à rotação das lavouras, bem como pela maior demanda desse cereal pela indústria de alimentação animal.

Mato Grosso do Sul: as chuvas colaboraram com a semeadura, que alcançou 60% da área prevista. Posteriormente, o solo secou e as operações agrícolas de implantação tiveram que parar, além disso, a seca e o calor afetaram a perspectiva produtiva de talhões devido ao baixo estande de plantas. Outro fato é que diante dessa condição climática, muitos produtores manifestaram intenção de desistir da semeadura, resultando na redução da área estadual, inicialmente prevista.

As plantas sofreram estresse climatológico por falta de umidade no solo e forte calor para o período, com muitas glebas apresentando estande inadequado por baixa germinação em alguns casos e, em outros, por perfilhamento reduzido.

QUADRO 13 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS- AVEIA

Legenda – Condição hídrica											
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva						
	Alta Restrição - Falta de Chuva										

UF	Mesorregiões	Produção* %	Aveia - Safra 2024								
			ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	4,27	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Ocidental Paranaense	5,92		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Norte Central Paranaense	3,44	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense	4,98	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PR	Oeste Paranaense	0,69	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense	1,28	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense	2,58	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paranaense	1,75			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	
	Noroeste Rio-grandense	53,06		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense	6,16			S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense	8,65		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RS	Centro Oriental Rio-grandense	1,98		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudoeste Rio-grandense	2,36		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandens	2,18		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

CANOLA

Rio Grande do Sul: um cultivo recente no Rio Grande do Sul, a canola vem se consolidando ano a ano como excelente alternativa para o período. Considera-se uma ótima opção à rotação de culturas no inverno, à evolução das tecnologias genéticas e de manejo da cultura, à boa liquidez no mercado alimentício, de combustíveis e exportação, bem como os resultados satisfatórios da última safra.

A evolução da semeadura, no momento do levantamento, alcança 12% das áreas e deve evoluir com maior intensidade conforme as condições

climáticas permitam.

As áreas semeadas se encontram com 20% em emergência e 80% em estágio vegetativo. Além do atraso na semeadura em si, nas áreas cultivadas observa-se leve atraso na emergência das plântulas e estiolamento, decorrente da falta de insolação. As chuvas volumosas e recorrentes também afetaram algumas áreas semeadas pela erosão/lixiviação de nutrientes e das sementes/plântulas.

Paraná: as precipitações, que aconteceram ao longo de maio, contribuíram para a boa quantidade de água do solo, o que, aliadas com as recentes retrações das temperaturas, culmina num ambiente favorável ao bom desenvolvimento desta cultura.

A previsão é de uma área de 1,3 mil hectares, o que é 18,2% ao cultivado no ciclo passado. Esse aumento deve-se a uma maior opção de rotação de culturas.

CENTEIO

Paraná: a semeadura foi iniciada, e as áreas implantadas estão nos estágios de emergência e desenvolvimento vegetativo. As recentes chuvas, aliadas às menores temperaturas, promoveram um ambiente favorável ao desenvolvimento inicial dos cultivos.

A previsão é de uma área cultivada de 2,1 mil hectares, o que é 19,2% inferior aos 2,6 mil hectares cultivados no ciclo 2023. Essa redução deve-se à falta de mercado para aquisição da produção.

CEVADA

Rio Grande do Sul: a semeadura ainda não se iniciou em razão das condições do clima. Maio registrou altos volumes de precipitação em todas as regiões do estado, inviabilizando, até mesmo, os manejos pré-semeadura, como a dessecação das áreas.

No quadrante nordeste do estado, onde o cultivo é direcionado para a produção de malte, o período de semeadura é mais tardio e foi menos prejudicado. Nesta região, os agricultores aguardam dias de tempo seco para iniciarem o manejo das lavouras.

Tendo em vista a possibilidade de semear no período ideal e uma previsão climática otimista para a primavera, período de floração e enchimento de grãos, a expectativa de produtividade é de 3.308 kg/ha.

Em razão da frustração da safra passada e, principalmente, pelo baixo preço recebido pelo produtor, a expectativa de redução de área para fins de produção de malte está mantida, porém existe uma adesão maior de agricultores de regiões menos tradicionais da cultura para fins de produção de grãos para ração, condição que implica a manutenção da área cultivada em relação à safra passada em 37 mil hectares.

Paraná: da mesma maneira que para as outras culturas de inverno, o clima em maio foi favorável ao desenvolvimento inicial das lavouras.

A previsão é de redução de área, em razão de muitos produtores, das proximidades de Guarapuava-PR, terem frustrações de produtividade e qualidade no ciclo passado. Entretanto, na região dos Campos Gerais paranaenses, a implantação de uma nova maltaria fomenta o aumento do cultivo.

TRITICALE

Paraná: a cultura deverá ser cultivada em uma área menor que da última safra devido às frustrações de rendimento e qualidade no ciclo anterior, associados aos atuais preços, que geram um desinteressante dos produtores ao cultivo nesta safra.

As lavouras implementadas foram beneficiadas pelo bom clima em maio.

Rio Grande do Sul: a semeadura foi impactada e não foi iniciada pelo excesso de chuvas que atingiram o estado. Embora o triticale seja uma opção interessante por suas características de tolerância às geadas, rusticidade e boa adaptação a solos menos férteis, após a ocorrência das chuvas torrenciais que destruíram grandes áreas, causando danos gravíssimos a estrutura e fertilidade dos solos, a projeção é de redução de área em relação à safra anterior.

A incerteza climática, a frustração da safra da soja, que deixa o produtor descapitalizado e com pouco recurso para investir em reconstrução de lavouras, a pouca disponibilidade de semente que, se encontradas, apresentam preço alto, são fatores que justificam esse comportamento. Espera-se que a área tenha redução de 25% em relação ao levantamento anterior, ficando em 7,2 mil hectares.

O atraso da semeadura em relação às safras anteriores ainda não impacta negativamente a produtividade. Assim, a expectativa da retomada da produtividade a patamares normais está mantida em 2.979 kg/ha.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de inverno, [clique aqui](#).



MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO
AGRÁRIO E
AGRICULTURA FAMILIAR

